



**Contos e
Novelas
Portuguesas
do SÉC. XIX**

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Fialho D' Almeida

A RUIVA

A taberna do *Pescada* ficava mesmo em frente ao cemitério dos Prazeres, e era frequentada pela gente do sitio, especialmente de noite, à hora em que os cabouqueiros e os britadores abandonam os seus trabalhos e entram na cidade, em ruído.

Tratava-se então de levantar um muro de cantaria que fosse como a fachada opulenta da gélida cidade de cadáveres; na planura que medeia entre o cemitério e as terras, o terreno via-se revolto; os carros de mão jaziam esquecidos; os montes de pedras miudas e de argamassas antigas tornavam penoso o transito. Na lama constante do caminho, eram profundos os sulcos que as seges de enterro deixavam até á porta do cemitério, escancarada sempre, como o goela d'um plesiosaurio faminto.

Em anoitecendo, tudo aquillo era de uma contemplação lugubre e mysteriosa, em que se adivinhava o trabalho de milhões de larvas; o ladrar dos cães tinha um echo desolado, que tornava depois mais sinistro o silencio; a porta fechava-se sem rumor, girando em gonzos discretos, e uma luz esmaecida na treva, no fundo dos cyprestes e dos tumulos diante de um santuario deserto, onde o Christo, do alto, olhava vagamente o guarda vento.

Começavam então a chegar à tasca os guardas encanecidos no mister de receber enterros, graves nos seus uniformes fatidicos, os coveiros angulosos e vesgos lançando de si um fetido deleterio; e cada um, dando boas noites á tia Lauriana, ia sentar-se á banca, no seu lugar, chupando pontas de cigarro e pedindo decilitros. Todas as noites a casa se enchia e o aspecto era sempre o mesmo.

Ao fundo, encostada ao balcão forrado de zinco, a tia Lauriana, mulher de grandes seios e arrecadas, que tinha a especialidade dos pasteis de bacalhau, e pernas masculas sahindo de grosseiras saias de baetilha; ao canto o cego de chapeirão derrubado, attitude fria, faminta, dolorida e apagada, a rebeca nos joelhos, a manta de riscas ao hombro a eterna noite nas feições. O grupo dos trolhas junto da porta, discutia o preço das couves e o numero de ventres perfurados com facas de ponta, durante a semana. Zé Claudino tinha a palavra; a sua authoridade indiscutivel de orador popular, fazia-lhe cahir dos labios, como um rosario de sons, as palavras graves, indecorosas, chulas e poeticas, em mixto turbulento e intelligente.

Bebedos extraordinários fallam de tudo e descrevem parabolas no solo, com a sombra de seus corpos embrutecidos. Dous ou tres embirram com a sombra.

- Mette-te commigo, resmungam; cahe nessa, minha tyranna!

- A velhaca, commentam, tem agora a mania de ir adiante de mim. Esta manhã era atraz. Mas não me larga! Bebeda!

- Era o que me faltava! Sucia de marmanjos!

E insistentes, aos zig-zagues:

- Persegue-me, anda, persegue-me, que levas dois *butes*.

- Lá isso, ouve-se outro dizer na rua, lá isso, não digo eu... Que elle há um Deus que nos governa: é boa!

Eu entrava, cumprimentando os velhos conhecimentos.

- Ditosos olhos, estudantinho! dizia um.

- Ó seu casaca! fazia outro.

- Seja bem apparecido e pague-me dois dedos de *marufo*.

Um velho fressureiro, com o olho esgazeado de sicario experiente, tocando-me o braço com a sua mão ensanguentada, ia aconselhando baixo:

- Prove-me do branco, doutor; prove-me do branco que é uma *reinação*! Com um pastelinho, não lhe conto nada...

Aquelles eram os meus amigos, perigosos amigos contrahidos na intimidade do vicio e no surdo deboche das tascas.

Sentava-me. A Lauriana vinha, sorrindo, servir-me; e o seu olho pardo, sequioso, acariciava a brancura do meu pescoço, appetecia os meus cabellos de um louro claro, tons insipidos, sob as abas do chapéo esburacado. O seu halito empestava a dez passos, trazido nas asas do seu amor quente e brutal, de uma infamia cheia de mercancia. Ouvindo-me pedir qualquer cousa, o olhar adoçava-se-lhe como o d'essas gatas a quem coçamos o craneo; e eu sentia exhalar-se d'ella um fartum de gorduras fundidas, que me perturbava. Nessa noite chegou o tio Farrusco.

Era coveiro e o mais asqueroso, - o da valla; aspecto repellente, perfil aspero e cortante, descarnadas as faces, as mãos aduncas e gastas, cheias de terra e de cabellos.

Sobre a testa, de uma pollegada de largo, cahiam grenhas fermentadas; as orelhas desapareciam-lhe sob a lã sebacea d'um barrete cinzento; por um rasgão da camisa, furava uma moita de cabellos hirsutos, brancos como um pé de junco sêcco, nascido entre as pedras dum muro arruinado de azenha decrepita. Quasi lhe ficavam pelas esquinas a que se encostava, os farrapos em que embrulhava o corpo esqueletico e lustroso, como de couro curtido.

Um cabouqueiro tostado, perfil adunco de coruja, bateu-lhe no hombro:

- Tio Farrusco!

O outro tentou aprumar a estatura, lassa na molleza da embriaguez e resmungou:

- Que é lá isso patêgo? - O seu olho envidraçado não podia fitar; fios de baba desciam-lhe lentos, aos cantos da bocca.

- Olá, fez o cabouqueiro; a maré encheu. E sacudia-o.

- Mais bebedo é vossê, grande cavalgadura!

Tentava caminhar; a sua sombra oscillava amplificada na parede, como a d'um antediluviano phenomenal, e quasi se não comprehendia bem como aquella cousa era um homem. Arrastou-se custosamente para um canto; ao passar por Zé Claudino tomou-lhe o copo, levou á bocca o vinho e esteve bebendo devagar. As gotas, dum roxo sujo, cahiam-lhe pelas barbas. O nó da garganta subia-lhe e descia com vagarosos movimentos de embolo no cylindro d'uma bomba. Pousou o copo com ruido, com a manga da jaqueta limpou os beiços.

- E a filha? perguntaram-lhe. A *Ruiva*... O tempo tem estado famoso para doentes. Um sol quentinho que é um forno. - Do fundo, alguém disse para Zé Claudino:

- A *Ruiva* inda é viva?

E um trolha curioso:

- Não era essa que deitava sangue pela bocca? Na tenda do Malaquias vi eu... foi pelo Santo Amaro, faz agora annos...

Mas cada um procurava informar-se:

- Uma *gaja* de grenha encarnada, um sinalzinho de cabellos no pescoço... o que? Era filha d'aquillo? E apontavam o coveiro.

- Bem sei, diziam; que peça! A que estava com o Nicolau das seges d'enterro. Contem-me cá quem isso era. Bebeda, como ratos! Ora esperem. Ella era tambem da sucia da Panasqueira. Lembras-te, Zé Claudino?

- Bons tempos, fez o interrogado do fundo da sua saudade dissoluta, aquella noite no palheiro do Panellas. Vinte raparigas dos casaes, todas pimponas, vieram dormir á granja. Alta noite, piscava o olho, alta noite...

- Não ponhas mais na carta. *Tosquei* tudo! Que *bailões*! E a *Ruiva* tambem era...

- Uma mulher dos diabos! Enfezadita dos nervos, mas coragem que tinha diabo. Quando ella se deitou ao Nicolau, aquella vez pelo Entrudo, além ao Quintalinho! Prega-lhe duas *taponas*, que nem eu sei como o não *virou*!

O coveiro olhava, sem comprehender, um pasmo idiota na face. Na penumbra da taberna, aquelle asqueroso vulto tinha uma expressão rembrandtesca e crua, que fazia medo. O deboche nunca se concentrára tanto, podia-se jurar.

- Mas, tio Farrusco, a *Ruiva* vai melhor, hein?

- Melhor, melhor, gaguejou elle. Esta manhã vi-a estar dormindo... mais branca! - Pagas *cambrainha* 1 , ó tyranno? Uma pessoa, c'os diabos, gosta de molhar a palavra. Quero lá saber!...

Tentava apoiar-se na banca, com as duas mãos tremulas. Ouviam-no cantarolar baixo, babando-se:

Foi fazer uma caçada

Á serra de Montalvão!

E com risadinhas pequenas e cruas, geladas, doidas, que produziam como o *grito* do estanho, aconchegou-se ao canto, para dormir, com circulos de cão vadio que se anicha. Todos procuravam espicaçal-o com uma chufa. Blasphemava-se em voz alta, uma riqueza inultrapassavel de obscenidades.

- A minha filha, resmungava o tio Farrusco. Querem saber da minha filha, da *Ruiva*... Sucia de tarimbeiros!...

Foi fazer uma caçada

Á serra...

Ainda hoje, o Nicolau que atira á valla as rezes que se abatem no hospital 2 , me disse que a trazia alli. É boa! Se eu bem vi o saco... e cosido que elle vinha.

A *Ruiva* em postas! - Ria-se. Cahira tudo num silencio algido.

Calou-se, e depois:

- Tambem eu hei-de morrer. Quero lá saber nada d'aquella grande velhaca!

- Vamos, disse eu. Ha uma cousa peor que um cão damnado; é um coveiro bebedo. E sahi.

Um dia antes o meu escalpello penetrára o corpo d'essa perdida creatura, que veio a fornecer subsidios notaveis á minha these inaugural.

Inquiri pormenores. Disseram-me que o tio Farrusco fôra casado com uma vendedeira, a Martha, muito conhecida por Buenos-Ayres. Soube-se depois que as hortaliças que esta mulher vendia, eram pelo marido plantadas no cemitério, para lá da valla e longe das vistas dos indiscretos, hortaliças que com o tempo e o bello tempero da terra adquiriam grande desenvolvimento.

Se lh'as gabavam, Martha retorquia:

- Ai! bom dinheiro custam, fregueza. Vem todas as manhãs de Odivellas, uma estopada que eu sei!...

E explicava que um cunhado, da quinta do snr. marquez de Borba, tinha seu vintem e um bocadinho de terra onde se faziam os bellos nabos e aquellas lombardas folhudas. Caro, tudo pelas ultimas, dizia pondo a sogra, os cordões a luzir no peto.

Carolina nasceu no dia da morte da mãe. Até alli, o coveiro vivera sem miserias, mas, morta a mulher, descobriu-se d'onde vinham as couves e ninguem mais lh'as comprou. Não se sabe como a pequena se creára, mas aos doze annos era bonita, franzininha, o nariz arrebitado, descalça e cheia de remendos.

E sem consciencia do que via, acompanhava o pai na sinistra occupação de sepultar os mortos. Assim crescera. Naquella miseranda existencia entrára a crear predilecções. Começou a amar principalmente os mortos que paravam á porta do cemitério em ricas berlindas douradas, entre filas de gatos pingados lugubres de tochas accesas, e puxadas por seis parelhas cobertas de

crepes. Visitava-os na casa da observação, acorada a um canto com o olhar absorto, durante as vinte e quatro horas que os caixões alli passavam abertos, e onde contemplava, deitados na petrea immobilidade derradeira, os que na sua vaidade egoista, corruptos e miasmaticos, iam habitar em sepulchros de marmore, com figuras sentimentaes na fachada e pomposas inscripções nas lápides. Póde dizer-se que aprendeu a lêr no cemitério, quando curiosa na sua pobreza esfrangalhada queria saber os nomes e posições occupadas no mundo pelos que habitavam aquella branca cidade de marmores, de que se julgava rainha.

Uma tarde, passeando na grande rua que corre ao longo da fachada do cemitério tinha parado a contemplar, no alto d'um pedestal glorioso, a estatua do conde das Antas. E fallava ainda nos seus ultimos dias, d'aquella energica figura de soldado, grande barba sobre o peito e cabeça de um vigor leonino, a mão apertando o punho da espada... e desde então, a sua ancia pedia-lhe militares, que arrastam nas ruas os sabres prateados e destacam, na agitação dos enterros, d'entre as graves *toilettes* negras com a alegria embriagadora dos seus vivos rutilantes e das suas divisas sanguineas, côr dos desejos insaciaveis. Nos seus devaneios passavam pallidas figuras de alferes, dos que tilintam esporas no lagedo dos passeios e retorcem bigodes frisados, contemplando as janellas, em domingos de procissão. Todos os dias visitava a casa das observações: alli, sobre bancas, expunham-se caixões abertos; ella mesma mettia nas mãos dos mortos as argolas de alarme e tal emprego quotidiano permittia-lhe vêr gentes de todas as castas e profissões. Meninas ricas, filhas de millionarios e nascidas entre velludos, aureas meninices em berços de renda, acalentadas por amas normandas de cachos louros, iam alli dormindo nos seus caixões de setim, victimas de tísica galopante, olhos vitreos e face cavada, labios brancos em listras lividas e o gelado sorriso dos martyres, clareando em reflexos os rostos, de uma rigidez de esculptura.

Rapazes pobres, dos que ao clarão das forjas crestaram a vida, figuras sêccas de famintos, torciam nos rostos expressões de soffrer infernal e gelavam-se na nudez miseranda da morte, ao lado de reverendos, com a barba bem feita, a batina nova e grave, quebrada em pregas symetricas, finas camisas de bretanha, tiras de folhos e sapatos de fivela cingindo, á força de apertadas com uma fita, contra o peito, cruces de marfim bento, symbolo d'uma fé que nunca os caracterisou na vida.

E os grandes devassos, os magros adulteros que nos *foyers* das operas e nos camarins das cantoras, nas casas de batota e nas alcovas faceis fazem publica a sua dissolução e deshonna, vinham tambem, diante da pequena, exhibir a ultima elegancia.

Carolina, pelo numero e aspecto dos convidados d'um enterro, chegára á perfeição de fixar a posição social de qualquer defunto.

Os conselheiros reuniam graves figuras circumspectas de velhotes de luva preta e grandes pés folgados em botas macias. Os condes faziam-se acompanhar dos coches da casa real, riqueza oxydada e rota, em que se sentiam os anos, os ratos e o oleo dos cabellos reaes.

Os escriptores arrastavam figuras chupadas, de luneta, vastas cabelleiras polvilhadas de caspa, expectoração de discursos com gestos amplos e eloquencia estrondosa. Conhecia o bombeiro, o policia, o correio e o juiz de irmandade. E odiava quem vinha só para entrar na cova, os que embarcavam para o outro mundo sem deixar, na *gare*, alguns amigos da infancia, ou herdeiros capazes de *guardar conveniencias*. Ouvia nesses momentos dizer ao pai:

- Sucia de vadios! quando tinha de abrir cova sem receber gorgeta.

E aprendera a dizer com elle esta phrase profunda:

- Até morrem pelo amor de Deus; cambada!...

Havendo enterro grande, punha uma *garibaldi* vermelha, azeite nos cabellos ruivos, sapatos de duraque preto, sem tacões e chatos como linguados. Toda risonha ajoelhava-se na passagem do prestito, movendo os labios como quem reza. Depois na volta:

- Uma esmolinha por aquella alma de Deus!

E comprava pevides, amendoim torrado e alfeloá, á tia Palma, uma de capote verde, sem um olho, que vinha vender á porta num tableiro velho, sêccas gulodices de arraial. O que a abalava era aquella vida na casa das observações. Olhava já sem terror os cadaveres como se fossem pessoas adormecidas no mesmo quarto, cada qual na sua maca de estalagem. Os homens sobretudo. Alguns eram ainda novos, louros, pallidos e bem feitos; alguns ricos, tinham a pelle fina, de um contacto setinoso e bom.

Nas horas de calor, de verão, quando sob os cyprestes, os empreçados do cemitério dormiam, ia devagarinho sem ser presentida á casa dos depositos, escolhia os cadaveres dos moços, dos bellos, se os havia, e como um pequeno vampiro sequioso entreabria as mortalhas, despregando com uma navalhinha as camisas; mettia a mão devagarinho pelo peito, mettia, escorregando-a ao longo das carnes, beliscando-as levemente, com prazer; o olhar dilatava-se-lhe, havia na sua face uma mancha de excitação, mordida os labios exaltada; e palpando, estudando, comprehendendo e adivinhando, ficava absorta, um pouco curvada sobre os corpos, o halito ardente, uma palpitação larga e cheia de impeto. A sua imaginação rasgava as nevoas indecisas que diante da intelligente maldade, a sua inexperiencia despregava como uma mascara

casta e limpida, cheia de placidez. Estas explorações fizeram-na muito cedo mulher, preparando-a a comprehender mysterios e umas meias phrases que ouvia aos gatospingados se passavam por ella. Ás vezes, eram rapazes de quinze a vinte annos que jaziam.

Carolina em os vendo exaltava-se, todos os nervos se lhe distendiam na ancia d'um desejo que jámais formulára. D'uma vez tinha beijado sôfrega uma fronte, com balbuciações afflictas, ardendo em peccado, como uma alma de reprobado.

Não conhecera mãe, nunca uma boa mulher a beijára e o coveiro não reprimia diante da filha as suas expansões brutaes. Entregue a si propria, chamuscada por caricias pérfidas de homens entregues á rota corrente da sua bestialidade, fizera-se nisto. Havia no entanto dentro d'ella ainda, uma cousa ideal e inexplicavel, certa virgindade infantil: de noite rezava! Vinham-lhe tristezas intimas, a insomnia triturava-lhe por vezes a saude como num almofariz de bronze. Sem saber por quê, era desgraçada. Desejaria ser como uma pequena que vira um dia costurando á porta d'uma carvoaria, com uma rosa nas tranças. Mas de subito, alguma cousa a arremessava á lembrança condemnada dos homens adormecidos na casa de observação, e via-os surgir das suas mortalhas alinhavadas, sorrindo, com vida; estendiam os braços a procural-a; roídos de vermes, muitos vinham, como na dança do *Roberto*, roçar-lhe pelos quadris os membros esqualidos e podres.

E estonteada, fitando no vacuo aquella visão candente, miseravel nos seus quinze annos, sentava-se extenuada e languescida, á sombra dos cyprestes annosos e dos tumulos soberbos, com a cabeça aos baques, revolta a alma por criminosas commoções. Era já noite muitas vezes, quando ia só para casa, fóra do cemitério. O pai ficava embrulhado num cobertor, com um gorro de lã preta por cujos rasgões lhe furavam os cabellos; deitava-se no concavo d'algum velho tumulo vazio; se cahia geada, erguia a tampa d'um jazigo de familia para ir estender-se nas gavetas, entre caixões de chumbo.

Já estava acostumado áquella folia, e depois, assim não dormia as manhãs na cama, e podia começar cedo o trabalho, regando logo de madrugada os canteiros dos tumulos das familias que lhe pagavam esse trabalho, varrendo dos pedestaes as folhas sêccas que o vento despregava dos ramos, e alta noite, com passadas lentas e lugubres, nas tragicas encruzilhadas dos cyprestes, reanimando ou accendendo, com o rôlo mettido nos dedos, as lampadas extinctas pelas lufadas do nordeste.

Nem uma vez se lembrou de Carolina que ficava de noite, na cidade, separada d'elle, a sua filha, entregue á leviandade dos seus quinze e aos furores de coração d'um aprendiz de marceneiro que a perseguia, preso de maus instinctos. Carolina era branca, delicada e nervosa; o

seu sangue tinha originalidades singulares, inquietações de lucta e o furor da aventura, e do seu seio dimanava essa ancia ardente de que se fazem os gozos, anciada como uma sêde antiga.

Dormiam numa casita arruinada e miseranda, occulta no fundo d'um pateo sem luz de lampeão, para onde abriam as janellas de taboinhas de casas suspeitas, em que marinheiras tocavam guitarra.

A história das suas exaltações enraizavam tambem como uma hera, naquellas más janellas, pelas noites escuras de verão, quando encostada ao peitoril da janella, escutava altercações, descantes e venalidades, na confidencia de carroceiros.

Nestas disputas Carolina entrevia uma cousa, que se apoderava rapidamente do seu organismo, enroscando-se-lhe no corpo como serpente com frio, amarrotando e polluindo no amplexo alguma ainda que pouca, d'essa adoravel modestia que é o thesouro das mulheres honestas.

Viam-na de manhã quando sahia, dar bons dias á vizinhança e sorrir ás peccadoras mendigas, que nas tabernas jantavam *gravanzos* por qualquer pataco, ter com ellas palestras. Desassombradamente olhava para os homens, tinha desdens para uma ordem de gente e creára predilecções pelos louros; nos seus trapos escolhia sempre côres que dessem na vista; e calculista, com o olho febril, architectava aventuras: seria de noite, uma chuva miuda peneirar-se-hia do alto, sobre as calçadas; fugiria embrulhada no chalito com um louro... Hein?

Da janella da sua mansarda empinada sobre um banco de pinho, podia vêr o que se passava na alcova d'um pobre bordel fronteiro. Apagava a luz para não ser vista, subia ao banco, encostada á janella; e alli, durante horas passava a espreitar o que fazia a vizinhança. Scenas equivocas desenrolavam-se por lá. Era tão curioso! A nudez impura dos contactos fazia-lhe regorgitar de dentro uma seiva, cuja plenitude a estonteava. Era a febre do sangue infeccionado pelos microzimas do vicio e o desejo de cadella nubente que uma força espicaça de irritantes curiosidades e terrores deliciosos. Aquillo vinha-lhe ás ondas, como a babuge das praias contra fragedos solitarios.

Corôas de padres esverdeados, mostravam-se á luz de candieiros de petroleo; no espelhinho dos toucadores das commodas, reflectiam-se grupos sombrios, estranhas phantasias das incarnações de Vichnú. E alguém dedilhando guitarras entoava com voz rouca fados rasteiros do conde de Vimioso e da Severa, entre exhalações de aguardente. E tiniam garrafas, sentia-se o cheiro das sardinhas assadas.

Toasts desbragados expluiam claramente. As vozes das mulheres guinchavam. Alguém rolava pelo sobrado e rimas de pratos cahiam, com estrondo, em migalhas no meio de pragas de

raios. D'uma vez tresloucada, descera á rua. Domingo, de inverno. A noite lobrega alongava-se. Alguem gritava - *Jornal da Noite, traz a lista de Hespanha!*

O frio penetrava as carnes. Carolina tremia, labios sêccos, uma afflicção enorme subindo-lhe da estomago. Não sabia para onde ir. Queria as cousas mais violentas, amplexos de ferro, beijos de lava, o vasto oceano d'um amor sem fim e sem felicidade.

Mas o aprendiz de marceneiro, um rapaz athletico e sanguineo, appetites excentricos, sahia da officina, dava com ella, aproximava-se com uma *piada*...

Carolina recuava humilhada e cheia de vergonha. E sem uma palavra deitava a correr para a mansarda, subia a escada sem parar, fechava-se por dentro, e atirando-se para cima do leito desatava a soluçar sem remedio a desconsolação d'aquella vida, que fluctuava sem linha de conducta.

O candieiro apagava-se no alongamento da noite. Das torres da Estrella uma badalada cahia sobre a cidade adormecida, a vibração enorme alongava-se, num circulo infinito...

E no silencio da mansarda, Carolina abria os olhos com um terror em que dançavam phantasmas sardonicos, com a cara do aprendiz.

Era a tarde de Nossa Senhora dos Prazeres. O tempo serenára, o céu não tinha nuvens e no azul espiritualizado, os vôos brancos dos pombos davam uma innocencia casta ao ambiente. Havia arraial nessa tarde. A procissão sahida da igreja de Santos, por entre farrapos de bandeiras e verdores de buxo, devia entrar na capella do cemitério, á noitinha, em meio de foguetes e aromas do peixe frito, cuidadosamente consumido pela fome do povoleo curioso.

Na explanada que vai terminar á porta dos Prazeres, as pequenas barracas de lona enchiam-se de grupos; filhas de saias engommadas, olheiras fundas com fadistas de calças esticadas sobre alpargatas de linho. As mulheres gordas, lenço vermelho, os grossos braços nús, refogavam mexilhão, vermelhas do calor; em torno os soldados passavam, de chibata, rostos vulgares e bestiaes dilatados em risos enormes; e meneando-se, diziam brutezas ás pequenas ovarinas sujas. Na confusão dos grupos os garotos sujos, vivamente alegres, corriam relanceando olhares famintos sobre os bolos sêccos das vendedeiras ambulantes, e de passagem pediam cinco réis. Aqui e além viam-se sobre a relva, petiscando, familias de operarios, pequenas louras e limpas, typos de costureiras futuras, traços finos, scismadores e delicados. Os vadios esqueleticos, de calções em frangalhos, apregoavam agua. No ar os ruidos multiplices abafavam-se uns aos outros, e das continuas pulsações resultantes elevava-se um ruido uniforme e indistincto, como de ebullicão longinqua. Os municipaes da patrulha iam atravessando devagar, nos seus cavallos negros, e os capacetes esguios de cuja crista jorrava a branca cabelleira dos

pennachos de linho, salpicavam de originalidade a paisagem. Era um enlevo. As criadas olhavam-os suspirando. O ruído crescia. O sol mergulhava com uma pompa escarlate, no silêncio do rio, e o poente inflamado era de um amplidão sem balizas. Dentro do cemitério o mesmo movimento de quem ia e vinha. Pessoas fornidas de carnes, esposas espessas de oleiros, capellistas de chapelinho, laços escandalosos e sombrinha, liam, soletrando as inscrições tumulares. Admirava-se o mármore, as fachadas. Os pequenos vagarosos colhiam alfavaca e sardinheiras. Alguns olhavam através das rotulas, o interior dos jazigos, a vêr quem tinha berloques de contas e figuras bordadas a lã em molduras ricas. Alguns ferreiros de mãos callosas, descanzavam na borda dos pedestais, tasquinhando as suas merendas; muitos bebiam pelas garrafas, fazendo saúdes aos compadres. E todo o mundo ria a sua pandega, a *fazer arraial* com grossas bobages cruas de taberna e de officina. As mulheres de vestidos de merino, com folhos, mantas de lã com borlas caídas atrás, chale bem dobrado no braço, olhavam pasmadas. Os fragmentos das palestras, apanhados de passagem, eram os mais originaes e contrastantes. Veteranos procuravam o túmulo do conde das Antas. Explicavam os emblemas, a attitude fêra da estatua.

- Portugal velho! commentavam. Elle e o Sal danha!...

E familiares, um clarão purpureo na face:

- O nosso velho! diziam. No 19 de maio...

E outros queriam vêr o túmulo do Palmella. Uma velha de Aveiro ouvira dizer na terra que era obra famosa. Alguem explicava as riquezas do duque, as suas quintas, dois contos diários de rendimentos; a duqueza era bonita, e um pouco gorda; elle tinha sido da marinha. De resto boas pessoas e fidalgos da gema; pela Semana Santa pediam na Sé para os pobres e sustentavam asylos. E iam semeando o chão de espinhas de peixe, de cascas de laranja, e os ares de rumores de palestra. Mas estrondeavam foguetes. Uma philharmonica sentia-se ao longe. Corriam. Era a procissão. Á frente um marceneiro espadaudo trazia o pendão, pomposo na sua capa de sêda vermelha. Virgens de branco, rosas na cabeça, typos de gaiatos disfarçados em saias, vinham gravemente, acertando o passo. E sobre as cabeças um andor de pau dourado e pequeno trazia a imagem, cheia de flôres de papel. Carolina com a *garibaldi* melhor, uma rêde de contas nos cabellos ruivos, fôra também á festa. O coveiro embebedava-se em casa do *Pescada*, com a barba feita, o seu carão anguloso e miseravel, inerte sob as abas d'um chapéo de Braga. Carolina vestira-se logo de manhã, toda brunida, botas de duraque sem tacões, brincos de vidro prateado, arzinho alegre, o branco appetite da sua carne anemica, feminil e debil. E fôra ao cemitério espairecer um bocado, com um farnel no lenço, laranjas, duas queijadinhas da tia Palma.

A senhora Marcellina que fôra ama do padre Anselmo e agora arranjava criadas e concertava cadeiras, tinha prometido a Carolina ir lá ter com ella mais a mulata, que sahira do hospital havia uma semana e lhe estava devendo cousa de quatro moedas. A Marcellina morava no pateo tambem, no primeiro andar, tinha arranjos de casa e barbicas pela cara, sua meia dúzia de lençoes, um rico cordão de ouro com medalha e uma Senhora das Dôres com olhos de vidro, *mesmo viva, a olhar para uma pessoa.*

E fallava-se: que havia papeis, uma panella de dinheiro no quintal, ricos manteletes nas commodas, que tinham pertencido á irmã do padre Anselmo. Marcellina era uma pessoa baixa e vagarosa, aspecto redondo e rôxo de hemorrhoida, feridas na perna emplastada, anneis pelos dedos e o vozeirão d'um quartel-mestre sahindo do capote d'alcoviteira. A sua historia apoiava o enredo principal no governo civil, no hospital e na rua das Atafonas. De resto encontrára o padre Anselmo, capellão da Guia e *tomára-lhe amizade*. Boa pessoa, o padre Anselmo, amigo de seu amigo, boas manhãs na cama, de inverno, beberricava-lhe um quasi nada, ratão, pregando bellas peças; manhã cedo, ella ainda na cama, e vinha elle da missa, descobria-a, zás, uma palmada. E morrêra. Tudo quanto é bom acaba. A gente falla, falla... um dia chega. E dava grandes suspiros. Carolina conhecia. Mal luzia o buraco, já a senhora Marcellina corria a vidraça e vinha de coifa branca, espanejar o peitoril. Tinha um sorriso agradável; um dente tropego, unico e esquecido, esverdinhava-lhe na bocca desmobilada; as barbicas hirsutas recordavam uma gata mansinha que se corcova electrica, sob as festas do dono. Era-lhe de mais a mais muito obrigada. - De rastos que eu ande, dizia, de rastos que eu ande, não lhe pago as obrigações que lhe devo. Quando estivera doente, com tosse e muita febre, ninguem dizia que ella escapava, a senhora Marcellina vinha dar-lhe caldos e fazer meia junto do seu leito de proletaria. Havia dous annos. Mas não se davam muito; a Marcellina era mais das outras defronte, fallava com ellas de janella para janella, grossos risos e pesadas graças. E ratona então, como nunca se vira. O que sabia de frades, e do poeta Bocage!... Era arreentar de riso, senhores. Além d'isso andava sempre occupada na vida, uma azafama, chale traçado e sapato d'ourela, a massa dos seios papuda e mollemente batida por mais de meio seculo, arrotos estrondosos... Sahiam de casa d'ella pessoas lugubres. D'uma vez a policia fôra alli. Emfim, fallavam-se cousas, ella sabia de facadas, e Carolina ouvira dizer isto - arranja pequenas a velhos. E no fundo da sua alma branca e susceptivel experimentára horror. Na tarde anterior a filha do coveiro recolhera com ares de dia, a Marcellina estava á janella; fallaram-se, como estava como não estava, o pai como ia, e que ella ia vivendo com o seu padecimento de entranha, amargos de bocca, uma canceira, uma canceira; mesmo mortinha de todo! Tinha posto bismas de confortativo que era muito bom, andava agora tomando *pózes*, caros com'á fortuna, mas o fastio era grande, afflicções por dentro... O peor eram as noites, contava

todas as horas. E depois as pulgas. Ai! dizia, quem tem mazella, tudo lhe dá nella. Que é feito, que é feito? Não havia olhos que a lograssem. De resto amava as criaturas serias como Carolina; nunca fôra de tricas, louvado Deus. E arrotava. Tinha almoçado uma açordinha, com seu ovo; tudo lhe fazia mal. - É caruncho, é caruncho, commentava. E convidára Carolina a entrar, descançar um pouco, tinha rosas no quintal, uma franga preta que já punha ovos, manto novo na Senhora das Dôres - minha rica mãe do céu!

Carolina subiu, beijocaram-se, ricas filhas para um lado, abraço para outro. Carolina sentia-se contente, uma quietação plena, chocada pela sinceridade da outra. A senhora Marcellina olhava para ella de face. E largou d'ahi a nada este dito:

- Há-de ser um peixão! - E piscava o olho pardo com ares de entendedora. Andaram vendo o quintal; Marcellina fazia-lhe um ramilhete de rosas. D'alli a nada veio a mulata, encostada ás paredes, uma cuia enorme de postiços e fundas olheiras, olhos de carreiro morto, um cheiro a cigarro e a camphora.

Mas foi-se logo encostar. Com o tempo humido, tinha dôres do diabo nos ossos. Desejaria morrer já - raio de vida! Carolina dizia-lhe palavras commovidas; que aquillo não havia de ser nada, em o tempo limpando já a cousa era outra, que tivesse paciencia, coitadinha, que tivesse paciencia. E a mulata arrastava-se, com um sorriso em que havia alta percentagem de amargura, aspecto chato e esmagado, como sacco vazio, de roupa velha. E o seu craneo pequenino de estúpida, de grande bestiaga, tinha a calva depressão idiota d'uma cabeça ôca. Quando ficaram sós, a senhora Marcellina abaixando um pouco a voz, disse á filha do coveiro:

- Tenho uma coisita que lhe dizer, para seu interesse.

- Sim? Fez Carolina.

- Não é cousa nenhuma má, não senhor. O seu a seu dono!

- O que é então?

- Não se zanga, não?

- Porque havia de zangar-me? Mas diga.

- Ha ahi um rapazola, que dá um cavacão pela menina. Um cavacão, c'os diabos; um cavacão!

Carolina teve um sobresalto. O coefficiente das suas orgulhosas alegrias traduziu-se num sorriso.

- Está a mangar, disse.

- Palavrinha, é cousa séria. Elle fallou-me nisso.

- Para que? disse ella tremula, penetrada.

- Ora! Namoricos; não sabe como as cousas são? Rapaziadas. Todos nós temos d'isso.

Emfim, fallar não offende.

Carolina estava pallida, sentia-se vagamente num deleite, curiosa e cheia de excitações.

A senhora Marcellina, de olhos no chão, mordida o labio inferior, como quem reflecte.

- Com que então, disse Marcellina, gosta?

- Hi!...

E passado um momento:

- Um rapaz como umas casas, forte, loiraço e bom trabalhador. Hein? sua sonsinha...

hein?

E insinuando-se, velha toupeira:

- Tendo juízo, minha riquinha, é uma mina. Nada de cahir antes de tempo, percebe?

Carolina estava rubra, com palpitações doidas.

- E quem é? Como se chama?

- Isso queria vossê saber, isso queria vossê saber!

- Não, sério, diga. - E mais resoluta - ha-de dizer!

- Aqui defronte do becco, ha uma loja de marceneiro. Sabe. A do Ferreira, um de
olhos.

- Ah! fez Carolina. Já sei.

- Ha um oficial, o João, bonitote, muito claro. É esse.

- É esse então? Pois senhores...

- Um bello moço, um bello moço! É vê-lo além na loja, a camisa arregaçada; que
braços, hein!

Carolina adivinhava-o, sentindo-o na sua imaginação com um vigor de pintura.

- E depois? disse ella.

- E elle pediu-me que arranjasse a cousa, que lhe fallasse; tinha vergonha de vir elle
mesmo... Ganha seis tostões, vive só; bom rapaz no fundo.

- E meu pai?

- Ora! Nem o adivinha. Vive sempre lá em cascos de rolhas. Quer lá saber... É vinho e deixa andar.

- Nem sei, nem sei...

- Isso, o resto arranja-se. Amanhã ha festa nos Prazeres, percebes? Elle vai por alli. Tu vaes commigo. Entendam-se lá como quizerem. Gostas d'elle?

- Sei lá, sei lá! Não é feio...

- Entendo. Amanhã vamos ao arraial. O dia deve estar bonito.

- Olhe, vou de manhã. Lá a espero de tarde.

- Vá feito. Valeu. Faça os meus arranjos e vou depois.

- Adeusinho, adeusinho.

Desceu a escada. No portal gritou para cima:

- E obrigada por tudo, obrigadinha por tudo.

Não dormiu toda a noite. Uma turbulencia de idéas desconstradas agitava-a. Havia dentro d'ella alguma cousa explosiva que rebentava, que se dilatava com um volume maior que o do seu cerebro e do seu coração.

Tinha projectos, predilecções, vaidades. Iria comer petisqueiras de truz na frescura dos retiros, sob parreiras verdes, em quanto na encosta, lavadeiras batem roupa. Teria vestidos azues, de merino, ricos lenços de sêda com ramos, uma sombrinha e anneis, alguma cousa como uma opulencia.

A tia Palma não a reconhecera tão liró, feita uma rainha de Nantes com botas de biqueira. E mirava-se no espelho embevecida, desvanecimento pelintra, a admiração de si mesma. Surprehendia-se a murmurar baixinho. - O meu João. O meu João está na officina. O jantar do meu João. Em o meu João vindo. O meu João sahiu. - E orgulhava-se: ter um homem, ter um amigo...

Diriam d'ella as vizinhas - a que está com o João da officina, uma ruiva. - Via-se aos domingos no passeio da Estrella com elle, em roda do coreto, fazendo volutas por entre os soldados de caçadores, vestido de merino azul, de folho, arregaçado atraz, a saia branca, um lenço nas mãos suadas e gravatinha encarnada, de borlas. E d'alli a um anno quem sabe, broche de ouro, de moeda! Os pequenos é que *haviã*m ser o diabo, ranhosos, cheios de birras, cuecas

vestidas, cuecas amarelladas de rastos, fazendo gallos nas testas. Deixal-os! Tambem as *outras* se aguentavam: ora! Mas um loiro, um loiro; que bom! Sempre tinha dito - Deus não me mate sem um loiro. Às vezes ao acordar, na molleza lassa do corpo tepido e aconchegada, espreguiçava-se pensando:

- Ai! um loiro...

E lembrava as primeiras linhas do pescoço do aprendiz, linhas fortes e firmemente contornadas, tons rosa no sanguineo da epiderme, pequeninas espiraes de cabellinhos loiros, de um macio quente e provocante. E depois a sua imaginação, no delirio, na incoherencia, prolongava nitidamente essas linhas, harmonisando-as, moldando-as, curvas suaves e velludineas, cheias de saude, aquelles brancos braços herculeos e sem um pêlo que lhe via na officina, um peito amplo, cheio e poderoso, em que se sentissem vagas ondulações viris de seios, altas pernas nervosas, esculpturaes, direitas. E diante d'ella surgia aquelle corpo de luctador, de athleta, grandes traços magistraes e simples, de uma pureza de academia. E penetrava-se da côr da pelle, fresca e clara, sob que se sentiam correr impetos de sangue rico, joven, virginal, fremente. Tomal-o-ia pelos hombros, redondos como os d'uma estatua, e erguida nos bicos dos pés, como era baixa, dar-lhe-ia pequenos beijos furiosos na bocca, sorvendo o seu halito, estrangulando-lhe os arquejos, dominando-o e confundindo a sua na alma d'elle.

Seria assim eternamente, sem nunca se fatigar, e no alongamento das noites de inverno, como grandes corôas que se rezam, deixariam cair as horas no silencio.

No turhilhão dos seus devaneios succediam-se rapidas as scenas, vibrantes como *kolpedes* que tumultuam na fermentação. Queria a vida das vizinhas, agitações constantes da negociação dos corpos, que transformam a vida em sonho ou chimera. Via saias de gomme arrastando, botinas vermelhas de roseta e tacão alto, os altos penteados caracteristicos. As caras angulosas, com manchas vinolentas sorriam para ella, deitando linguas negras de fóra.

E sem explicar porquê, como um rythmo original, ouvia as pancadas d'uma enxada na terra do cemitério. Gelava-se. - Era o pai que estava abrindo sepulturas! No fundo sentia-se infeliz e fluctuante numa grande incoherencia. Agitada como estava, o somno fugia-lhe, e as idéas desviando-se pouco a pouco do primeiro intuito, marchavam já, como raios que se refrangem, pelo vasto plaino das recordações. Pensava na vida do cemitério, o amor medonho das cadaveres, em cuja gelida intimidade vivera tanto, abrindo mortalhas e erguendo tampas de caixões. Na sua sinceridade confessava-se horrivel, cheia de afinidades com a hyena. Nunca mais iria exaltar-se perante homens sem vida. Que infamia! Agora tinha o seu João, carnes brancas, de semi-deus. Era feliz então sentindo na alma aquella irisação de paz que a perfumava toda como

num banho voluptuoso. Ser amada por aquelle forte, apertada e vencida nos seus braços esculpturaes, parecia-lhe uma ventura, um milagre, alguma cousa como um sonho febril. Dar-se-ia plenamente e sem reservas, com uma abundancia louca de contactos, phrenetica e possuida d'um alto desejo de o possuir. A sua vida condensava-se-lhe colorisada numa recordação deliciosa, sem comprehender no deleite a saciedade, a inanição, o desprezo de si mesma por fim. No fundo do espelhinho estanhado, a sua figura illuminada pela vela de sebo tinha uma curva nitida e delicada. Sorriu-se para mostrar os dentes, pequeninos e miudos, de gatazinha branca. E dilatou-se num vasto contentamento interior: era bella, de uma compleição tenuissima e nervosa, toda feita de anemias. Com a mão torceu de leve sobre a fronte, uns cabellinhos ruivos, foi desabotoando, pouco a pouco, o corpete... O seio era branco, assim descoberto, estreito e appetitoso como uma miniatura, mas incapaz de amamentar um filho. Todas as linhas harmoniosas do busto, de fragilidade suave, pareciam moldadas num espartilho e realizavam uma elegancia moderna, boa para ensaiar figurinos, nos *ateliers* da Maria Cecilia. Ia desabotoando: uma saia cahiu, outra e outra, e a camisa envolveu-a, como uma tunica que se desaperta. Era magra e branca. Na harmonia dos quadris, na expansão geral das proeminencias, exhalava-se a idealidade das organizações virginaes. Trivial e pequena como era, excitava assim mesmo. E ella mesmo se devorava com o olhar, examinando, ensaiando atitudes, cheia d'aquella forte figura do aprendiz de marceneiro. Na tarde do dia seguinte deviam encontrar-se á noitinha, quando os passaros se amam, no mysterio das ramarias; o que iria succeder? Sentiria a sua respiração ardente, com um cheiro a decilitros de Torres, queimar-lhe a face. Fallariam embevecidos e frementes, cheios da mesma idéa profana, olhando em torno, receosos de quem passasse. Elle piscar-lhe-ia o olho maganamente; entender-se-iam, e como membrana d'um phonographo, na sua alma vinham arfar todas as vibrações d'aquella loucura de prazer, em que palpitaria no dia seguinte. Que farta estava d'aquella pobreza, comer açordas com alho, andar feita chineleira, ahi como um diabo, com as saias todas rotas! Raio de vida! Ao menos em elle sendo o seu João, a cousa ia melhor. E depois... uma pessoa não sabe para o que está guardada neste mundo. A tia Marcellina conhecia uma que fôra peixeira, pé descalço por essas ruas, a vender carapaus, um fedor a peixum de seiscentos diabos, e agora estava uma opiniosa com um fidalgo, num primeiro andar, ricas cortinas de rendas nas janellas. Podia bem ser que nem sempre estivesse com o João - que elle era bom rapaz, coitado, mas diz que de sete em sete annos mudam as naturezas, salvo seja. A variedade attrahia-a. A Marcellina tinha-lhe fallado nos padres como bons patrões, unhas muito limpas, sua palma benta pelo domingo de Ramos, cotos de cera pelas Endoenças, bom lugar na capella-mór, onde se podia estar refestelada a ouvir a musica do *lausperenne*. E certos particulares, nos priores principalmente, um respeito, bellos

lençoes de linho, almocinhos que era um regalo, nunca recolhiam tarde, muito limpos e pés lavados todos os dias. Divagava pelos braços dos desembargadores, dos soldados e dos marujos ingleses. Conhecía uma da esquina, a Polonia, que até tinha inscripções; todos os seis mezes ia receber seu *milho*, que lhe pagava o governo, ou que raio era.

Outra, a Libania, um diabo bexigoso, tinha dinheiro a razão de juros, seu grillão com medalha, anel de *luzeiro*. E fulana e sicrana, que tinham de seu, umas casitas, seu estanco, nunca tinham ido ao Desterro, viviam á barba longa e andavam gordas. Assim como assim, era boa vida; deixem lá fallar. Para pessoa pobre não havia outra. Que ser séria era bem bom fallado, mas o resto, tudo patacoada. Havia tolos que davam vestidos, ricos chales de cachemira, pagavam a cêa, sua noite ao Price, - os babosos! Depois não se cança a gente. Quem tinha juizo, sempre ia bem. Havia tal que era mesmo pelo beijo. E citava exemplos. A prostituição desenhava-se-lhe como a solução natural no problema da vida de uma rapariga pobre, que todas amam, umas mais, outras menos. E a sua ardencia, alligeirava-lhe as difficuldades. Pão, pão; queijo, queijo - que ella não era lá de meias medidas. E deixou cahir a camisa. Entrou a lavar-se com pequeninos estremecimentos de frio; os cabellos ruivos desnastravam-se-lhe pelas espáduas embaraçando-a; chapinava na agua com ruido, rapidos movimentos cheios de graça, como fremitos de diapasão.

Ouviu chorar de repente na calada nocturna, um sino, de uma tristeza de morte. E depois houve ruido na rua, os candieiros mostravam-se pelas janellas; um grupo de tochas, sinistro e lento, passou no meio de pessoas descobertas. Era Nosso Pai, a alguém que estava agonizando. Carolina viu.

E poz-se a recordar a vida do pai, pelo cemitério áquella hora gelado no silencio noctambulo, em quanto os mochos deixam cahir notas agudas, sinistramente escarninhas. Elle estava talvez dormindo nos seus farrapos, no coração d'um velho tumulo profanado, entre caixões esquecidos. Ou perseguido pela insomnia - talvez não tivesse ido ao *Pescada* - pensava nella por ventura, na sua solitudine de pai, porque tambem tem coração os coveiros, mercê de Deus! E ella, sua filha, pensava em abandonal-o, em fazer-se servir como uma isca de figado aos cocheiros e aos trabalhadores, com reducção de preços! Roçava então pela miseria do coveiro a sua piedade como uma asa de gaivota, e pensava: - Pobre velho!

Vinham-lhe subitaneas ternuras, vibrações de lagrimas intimas, uma desconsolação pathetica de tudo quanto a cercava. A idéa de morrer apparecia-lhe diffusamente, envolta numa photosphera de soffrimentos. Lembravam-lhe irmãs de caridade, jovens e pallidas, um rosario na cinta, o negror do habito amortalhando corpos de virgens maceradas. E longas penitencias no

marmore das clausuras, entre açoutes de martyrio, ao rumor dos *confiteor*. Ia arrepender-se, pedir perdão...

Mas o corpo do aprendiz aparecia-lhe uma tentação hilariante, branco, moço, potente e triunfador! Esmaecia, como um vago luar que empallidece.

A Marcellina appareceu á tarde, depois da procissão, afogueada, cheia de esfalfamentos; que arrebetava se a não deixassem sentar um bocadinho, e que ia muito mal; a noite passada não tinha podido pregar olho; tudo eram *bonecages* diante d'ella, uma confusão, uma algazarra de metter medo. E estava ainda com febre - dava o pulso - que vissem, que vissem... Nunca fôra esmorecida, louvado Deus, lá isso não; que até pela febre amarella... ai! nem se queria lembrar. Aguas passadas... Tinha ido ao banco do hospital, explicado o que sentia, e desconfiava que aquillo era cousa de *nórisma*.

Um rapazote novo que parecia ainda estudante, torcera a venta, e ella bem vira... ai! tomára já morrer; que andar uma creatura a penar por esse mundo e depois marchar da mesma maneira... ora!... que lhe faltava! Antes ir d'uma vez. E que Deus lhe perdoasse, que Deus lhe perdoasse !... - Carolina sorria-se compassiva e cheia de interesse, tinha ternuras pelintras, roçava o seu rostinho branco pelo queixo barbado da inculcadeira, chamando-lhe *Li-Li* com voz de criança amuada. Ia cahindo a tarde. O sol mergulhára no mar acharoando de tons metallicos e cupricos as nuvens do occidente, em gradações insensíveis, de uma grande riqueza de pinturas. Por entre tumulos, os cyprestes antigos erguiam-se como sentinellas immoveis, armadas de capacetes ponteagudos. Fôra as guitarras rumorejavam fadinhos tristes, do Calcinhas e do João Brandão; um trolha cantava rouquejando, com voz expectorada:

Habitantes d'este lugar

Se m'alegra ó curação...

E vozes de garotos apregoavam - *vai agua ou não vai agua!* - no meio do vasto rumor de quem sahia.

- Sabes, segredou a Marcellina ao ouvido da pequena, que elle vem ao anoitecer? Teve hoje de trabalhar na officina; sempre são seis tostões... Está mesmo parvo, pelo beijo. Demais uma criancinha - dezoito annos ainda a fazer pela Santa Maria! Podes fazer d'elle gato-sapato.

E depois de um silencio:

- O que aquillo quer é roupa branca, jantarinho ás horas, festinhas e deixa andar. Vossês não sabem do mundo; ainda hontem largaram os cueiros. O primeiro que nos regala, é o unico aceado e de quem toda a vida se tem saudades. Que os mais - tudo *gajões* que a pregam na menina do olho!... E que visse, que estudasse a cousa: quando se tem na mão o passaro, é que se não deve deixal-o fugir. E rindo, dilatada numa hilaridade de velhaca, de rameira bebida, mãos nos quadris, roncava, affectando lubricidades: - Ai!... Tivesse ella os seus vinte, e quem o lograva era ella. Só aquellas carnes, em que podia lamber mel. - E sordidamente mordida de appetites, agarrava-se a Carolina, fazia-lhe cocegas dizendo-lhe muitas vezes:

- Ricas filhas, ricas filhas!

E rolavam amhas pelos sepulchros rasos rindo soltamente, com um prazer de barregãs.

D'alli a pouco chegou o João. Trazia a blusa de riscado vestida debaixo do jaquetão, e os cabellos crescidos e encarrichados, cheios de aparas de casquinha. Era quasi imberbe ainda, branco e sanguineo, de uma compleição herculea em que se adivinhava a seiva fertil e jámais esbanjada, dos corpos encouraçados na própria virilidade, e no trabalho absorvidos até á idade dos loucos amores de bordel. O seu tipo era de criança e presentia-se o fadista mais tarde, amanhã mesmo.

- Ora graças, começou a Marcellina, graças que nos apparece! uma cousa assim! Fazer esperar esta menina! - E recriminava-o, enchia-o de censuras: que para o futuro queriamos homem mais aquelle; que quem esperava desesperava; era uma verdade! Mas nada d'aquillo era morte de homem, louvado Deus! - E fazia as apresentações. - Carolina, não t'o dizia eu? Um rapagão capaz de arrombar o castello; e que lindo, mesmo de regalo! -Mencionava pormenores, nunca tinha tido uma doença, benza-o Deus, nunca tomára remedios de botica, nem sequer uma purga. E que mãos de prata! Fazia cadeiras de polimento como o primeiro; um armario que acabara pelo S. Pedro, tinha sido vendido a um homem de fóra - tinha aquella de francez, uma falla a modos *esquesita* - por bellos *mel* réis. E mais cousas ainda que se não diziam.

O João, inchado, meio confuso sorria, dizendo com inflexões variadas: - *Hom'essa!* *Hom'essa!*... E aquecido, trescalando a carrascão, a perna bem desenhada na calça de bocca de sino, cambada um pouco para dentro e afeita ás *escovinhas*, chapéo arremessado com um piparote para a nuca, fitava Carolina, mordendo-a com os olhos e resmungando:

- Deixe fallar, deixe fallar, que isto sabe-a toda.

A Marcellina declarou que estava com a *telha*, uma alegria mesmo lá de dentro, e dizia:

- Viva a borga! em estrépido. E tomando Carolina pela cintura e agarrando o braço do aprendiz para aproximal-os:

- E que *canta* vossê cá da pequena, seu petiz? olhe que nem mandada vir de encomenda. E então esta carinha, que parece de sêda... Maganão! Bem sabia que a não merecia, um *chichisbeco* d'aquelles! ai! mas queria ser generosa... E que tratasse de a estimar, melhor que o pai a tinha estimado; que a queria vêr uma senhorita toda de fitas a voar e casibeques de pano fino, pelo inverno; conhecia casadinhos que era mesmo uma gracinha, mais unidinhos e mais guapos que era uma providencia. E que fossem assim toda a sua vida.

Ambos elles sorriam, corados. Nos seus olhos humidos, em cujas iris de inquietas fibrilhas havia um contrahir de commoções refreadas, luzia a caustica lascivia do desejo incendiado.

Carolina sentia um quebramento fundil-a toda; era de calor, da fadiga da tarde, talvez da contemplação de sitio. E a sua alma perdia-se em grandes esquecimentos; alongava o olhar de encontro ás vastidões do céu e da paizagem, como se toda ella se expandisse naquella área sem termo, alada no vago de uma impressão que até alli não soubera formular. Viu-o preguiçosamente estendido na pedra branca de um tumulo. Era numa das ruas afastadas. Naquella posição de madraço, a vigorosa expansão do seu corpo resaltava em linhas magnificas, de animal contente e são, que descança. Tinha-lhe cahido o chapéo, e deitada para traz nas duas mãos sobrepostas, a cabeça parecia-lhe esbatida no fulvo dos cabellos, que á luz poente faziam um desenho de juba. Via-se-lhe o tronco oscillando, a camisa tufada por baixo do collete, uma das pernas flectida sobre a coxa e a outra estiraçada com bestial fraqueza, para diante. Carolina devorava-o: era assim que ella sonhára *o outro*, nos seus delirios hystericos de virgem reclamando dirmtos de mulher fecunda em noites de entrecortada allucinação. E via-o deslocar-se aos circulos por diante dos olhos, sentindo um tremor de mãos e frialdade mortal nas pontas dos dedos. Por seu lado, o João fitava-a com furias de novilho que desperta.

E velhacamente, um riso nervoso nos cantos da bocca, piscava-lhe os olhos, desafiando.

A noite tombára das encostas, pelo céu, e uma sineta batida pelo guarda do cemitério, mandava sahir. Barras de nuvens tranquillias, estendiam-se ao oriente, aspectos esbatidos, de vaga melancolia contemplativa. A lua de um branco baço fluctuava como uma bola de cristofle, e tristes raios chimericos mal podiam coar-se pelos galhos corpulentos dos cyprestes antigos.

Via-se pouco pelas ruas do cemitério; na ventana da capella um mocho narrava sarcástico em notas vibrantes, legendarios berrores; um vento passava vagaroso, como vigia de arraial adormecido, varrendo o pó das brancas sepulturas glaciaes. A Marcellina ergueu-se para pôr a chale rico e ia andando.

Carolina ergueu-se para segui-la. Mas o João agarrou-a pela cinta e com voz alterada, quasi gutural, dizia-lhe attrahindo-a a si, corpo a corpo:

- Olha lá, espera, olha lá.

Erguera um pouco o busto, e com inabalavel teimosia puxava as saias da rapariga.

- Esteja quieto, podem vêr. Mau!

Elle porém não a escutava.

- Não te vaes d'aqui, não te has-de ir d'aqui, murmurava-lhe ao ouvido.

Todo o seu esfarço era para apanhar-lhe a cara; tinha a respiração sifflante, e um tumulto de sangue turgecera-lhe as cordovêas do pescoço.

- E o beijo que me deves, o beijo que me deves? Dá-mo!

Tinha-a agarrado pelas costas, mettendo-lhe as mãos por debaixo dos braços, e com uma força cruel conservava-a apertada sobre o peito, enquanto lhe premia os seios crespos e redondos, de mulher inviolada. Carolina tentava em balde arrancar-se ao amplexo. Conservava os olhos cerrados, um bater de narinas, a bocca escarlata como a ferida de um fruto torrido, palpitações. E dizia:

- Mau! Olhe que eu chamo, olhe que eu grito!

E num tom choroso:

- Ora isto, ora isto!

Elle não dizia palavra; apertava-a na cinta uivando com fome, e beliscando-a na redondeza dos quadris e na curva marmorea das espáduas. A sua exaltação crescia, e luctava a sério, com arrancos de besta na quadra fatal do cio. E erguendo de repente o braço, forçou-a a voltar a cabeça para traz, despenteando-a um pouco na frente.

- Mau! dizia ella. Rasgar não vale!

Olhava-o com os seus olhos velados que tinham uma condensação de amor voluptuoso, essa expressão parada e lubrica que nasce dos espasmos profundos e desolantes.

O João dobrou-a vigorosamente, como se quizera partir-lhe os ossos.

- Cala-te, cala-te! dizia-lhe.

Os seus olhos ressaltavam, havia um arripio de fibrilhas nos angulos das orbitas e sentia-se o estertor da sua respiração estrangulada. Então curvando-se sobre ella, com os seus olhos ardentes sorveu-lhe a bocca palpitante, e furioso tirou-lhe o lenço para metter-lhe as mãos no seio. Ao contacto das epidermes a descarga dos fluidos deu um fremito de corpos, e Carolina esticando os braços atirou-lhe as duas mãos aos hombros, murmurando:

- Oh! matas-me...

E como na corrente murmura de um rio que vai fugindo, entregou-se-lhe toda, sonhando com esses *fjords* serenos e brancos, das regiões onde os extasis, como as noites duram mezes, sempre illuminados por um iris de aurora polar.

João agarrou na rapariga ao collo, como a uma criança, foi pela rua adiante ao encontro da Marcellina, que não estranhou se houvessem demorado. O João dava-lhe quatro pintos de commissão; era para comprar aviamentos para um vestido de fazenda, azulado, que tinha ganho quando fôra do alferes Sarmiento. Andava precisada de botinas; as dos domingos, de polimento, tinham uma fendazinha no joanete e via-se a meia. Não podia ir a parte nenhuma que se não envergonhasse. Fallára nisso ao João, mas elle enfadava-se. Já lhe tinha dado para umas camisas e para a ajuda d'uma medalha, e certas miudezas, lenços de sêda, um casaco de pano, bordado a trancinha, que tinha comprado á Francisca adela, com geito no olho, um pouco gaga. E a sua tagarellice, mal apanhou quem a escutasse, entrou a estafar a paciencia alheia, de commentarios nunca levados ao fim, historietas affogadas no prologo e logo preferidas a outras não menos interessantes.

- Ai filhos que se vai fazendo noite, negro tudo como breu. - A mulata devia estar em cuidado já. E não comprára os carapaus para o bichaninho, o *Pimpão*, eram mais de sete horas! Não tinha sustancia no estomago, mas havia sua vontadinha de comer. Tivera fressura para o jantar, umas ervilhazinhas com presunto que as podiam comer os anjos. Mas a fructa cara; a hortaliça estava para a gente rica. E então as mulheres da venda pelas portas; uma pouca vergonha! Quarteirão de laranjas, dous tostões! Nunca se vira tal nesse mundo de Christo. É com a guerra, dizia, é com a guerra. E que andavam os papeis cheios d'essas cousas, mais de duas mil pessoas mortas cada dia na Estranja a tiro. E que Deus nos livrasse, que Deus nos livrasse, cá de levantamentos. Quando fôra pela *revolta do quatro*, ainda os dois não eram nascidos, tinham corrido rios de sangue, gente fugida por esses campos, até os santos andaram numa alhada. Nosso Senhor nos perdôe pelas suas cinco chagas! E persignava-se dando beijos na unha do polegar, com ruido. Sahiram do cemitério. Carolina não dizia nada, apertava o braço do aprendiz.

A velha estava mesmo a cahir, e queixava-se. Estavam-lhe lá por dentro a remoer, a remoer; a modos que cousa assim de bicha. Tinha tomado as pevides de abobora - nada de resultado! Ai, mas ia mesmo mortinha; e que fossem enxugar uma pinga, com uma iscasinha *sem elas*... Já não estava em idade de folias, bem lh'o estava dizendo aquelle esfalfamento. E os seus intestinos roncavam ameaçadores. Tinha sina de morrer cedo; então!... Toda a sua gente *marchára* ainda nova. Seu pai, um homemzarrão com'a um raio, tinha sahido bom, com uma capa de briche novinha, para casa do regedor, e á noitinha dá-lhe a febre amarella, e agora o vereis a vomitar... mandaram chamar o medico Caçado - parecia-lhe que o estava a vêr - luvas de casimira, um caixa-d'oculos corcovado, barbicas loiras, arrastando d'uma perna... - Receitou para alli umas berundangas, ella foi á botica, noite fechada. Enterres por cada canto, padres a cantarem responsos. Nem ella sabia dizer bem. Quando chegou a casa, a mãe estava num berreiro: - Ai meu *home* da minh'alma! Ai meu rico amor do meu coração!... E escarapellava-se pelos cantos em saias de estamenha, sapateando as grossas solas cardadas pelo sobrado. Sua mãe fôra lavadeira da infanta, muito estimada das açafatas e aios; levava e trazia segredinhos, bilhetinhos, do Ramalhão para a Bemposta e da Bemposta para o Ramalhão. Chamavam-lhe a *Angelca*; um cabo da guarda apaixonára-se pelos seus bellos olhos e cantava-lhe modinhas. Mas ella, esperta que tinha raio! - moita carrasco! D'uma vez numa deveza, dois ganhões atiraram-se a ella. Mas *ena pai!*.... se vossês querem vêr o que era dar lambada, com os ceirões; andava tudo numa dobadura, quando veio gente que apaziguou a faina. Quando não, era mulher capaz de dar cabo d'elles. E havia de se ralar muito. Emfim, filhos, emfim era de faca na perna, resumia com pompa, cheia de vaidade.

- Manda nosso Senhor os bons á sua santa vista, que dos maus nem quer saber o diabo. Uma tarde minha mãe appareceu com tosse, tossinha de gato engasgado, dôres pela espinhela, calafrios... veio-lhe uma pulmonia da fortuna... pulmonia foi ella que a raspou até hoje. Foi em quinta-feira de Corpo de Deus, moravam ahi para as bandas da Sé, numa barraquinha velha; todo o dia a musica a tocar; tropa para cá e para lá; a pretalhada *tá-ti-ti-tá: tá-ti-ti-tá: tá-tá-taratá!* Gentilha de pagode, o rei, os ministros, a procissão, o S. Jorge; e a mãe para alli amortalhada em chita velha, á espera do padre, para ir para debaixo da terra. Nem um coto de cera, nem uma fita, nem um véo de escumilha. As bilhardeiras das fidalgonas, em quanto a *Angelca* pôde servir-lhes de alcoviteira, fizeram-lhe festa, sim senhor. Mas quando fechou o olho - diabo que te carregue! São uma cousa que eu cá sei, aquellas peças. Não é lá dizermos, andam na *berzundella* um dia ou outro, mas sempre, sem nunca parar. - E cheia de reticencias procurava incitar o interesse. Baixava a voz, com uma confidencia obscena em que figuravam infantas de capote e lenço, passeando pelo Campo de Sant'Anna com o Chico Bellas, charuto na bocca, uma gazua no cinto

do vestido e viva a *reinação*!... E fulana e fulana que ahi estão casadas com sicrano e sicrano, sonsinhas d'uma figa, já se não lembravam de quando escreviam cartas a este e áquelle, para que viessem ás tantas horas... sempre se viam cousas neste mundo! Uma lastima, filhos, uma lastima! E que havia secia que era mesmo para alli, para quem queria vêr na cocheira com os trintanarios. Conhecia boa meia duzia d'essas *typas*; algumas eram damas do paço. E que o mundo era todo assim. Mas a que a raivava era quererem ser grandes santarronas, que nem quebram um prato, e no cabo deitavam abaixo a cantareira! Iam passando diante do *Pescada*. A casa estava cheia de gente; rumores de guitarras bordavam finos arabescos sonoros, de fados corridos; vinha lá de dentro um borborinho de gente avinhada; o fumo dos cachimbos azulava o ambiente, empestando, e grossos risos estalavam brutaes entre histerias alegres do arraial, e largas digestões de mexilhão e pimentos. Via-se a tia Lauriana, papuda e quente, encostada ao balcão, entre bojos de garrafas pretas e taboleiros de queijos frescos. Um aguadeiro deitava ao longe o pregão monotono; para o interior da cidade, rumores de carruagens amorteciam gradualmente, na morna somnolencia quebrada da hora. O João lembrou que fossem comer alguma cousa. E mais aberto com as mulheres contava os seus appetites e as suas valentias; d'uma vez tinha tosado um *gajo*, na Perna de Pau; já aquillo *chuchou cascudos*!... E vai quando mal se descuida, o outro tinha *passado as palhetas*.

Era agora d'uma sociedade *Esperança e Harmonia*; tinham alugado casa na rua do Quelhas e tratavam de arranjar philarmonica: elle tocava pratos. Havia um barbeiro na rua das Trinas, o Lopes, que fazia comedias, gallegos que namoravam as sopeiras e cantavam versos da sua terra: era reinadio! E elle fazia de policia, tinha comprado uns bigodes de crepe... E dizia as suas boas intenções - em que se havia uma pessoa de entreter; andar para ahi perdido de bebado? Assim sempre era mais decente. E que ella Carolina, havia de ir ás comedias; não era verdade? Para o verão queriam dar bailes campestres numa horta, com balões de côres. Iam entrar no *Pescada*, mas Carolina puxou a manga do aprendiz, pediu que não fossem para alli; tinha lá o pai, se elle visse, santo Deus, era capaz de fazer alguma. - Aquillo, juntava Marcellina, em estando pingado, era o diabo mais ruim da christandade. E prudente aconselhava o Manel do Altinho: ia alli gente mais pacata, havia quartos particulares, seus reposteiros de chita, um rico cozinheiro, e em quanto ao *sumo*, era por conta do lavrador, sem confeição. Uva e mais nada! resumia.

Carolina sorria benevolente, sem dizer nada. Entraram no Manel do Altinho, para um quarto. O João bateu com ostentação de ricaço, na mesa, perguntou ás mulheres o que queriam; a Marcellina appetecera um bifeseinho. Carolina não tinha vontade e o João quiz salada de

camarões. E rindo todo córado, olhava para a pequena, abanando a cabeça, e dizia vagamente para achar palestra:

- Com que sim senhor, com que sim senhor! E confidencialmente, inclinado para

Carolina:

- Não come mesmo nada, mesmo nada?

- Mesmo nada, dizia ela sorrindo, embevecida nelle.

- Nem tanto como isto? e mostrava a ponteira da bengala. - *Hom'essa!* Olhe que entisica.

Piscava o olho. Riam baixo.

- Velhaco! segredava ella vermelha, tocando-lhe a face.

- Pois ha-de comer, ha-de comer por força!

E lentamente:

- E camarões, para abrir o appetite.

O olhar do aprendiz penetrava nella como um estylete. Miravam-se com curiosidade petulante, adivinhando-se. O olhar d'ella afogava-se num langor amoroso e humido, de uma *sympathia impura*. O João chegou-se mais e com voz quasi imperceptivel:

- Hoje, lá para tarde, vou, sim? disse elle.

- Hoje não, disse ella.

- Porque? Que tem?

- A vizinhança deita-se altas horas. É gente má, percebe? Podia fallar-se, meu pai sabia... Hoje não. Depois.

- Mas se eu não posso, vê? suplicou o João, com voz piegas de criança. - Então?...

E timido, uma doçura insistente na bocca:

- Vou sim? Não pode recusar. É má!

Carolina deixava-se penetrar d'aquella imploração toda incendida de amor deshonesto. E sem resolução:

- Pois sim, pois sim, disse ella, mas ás duas horas, ouça bem, ás duas horas, quando não houver luz nas janellas, das taes.

A Marcellina um pouco afastada, tinha adormecido.

O rapaz chegou com a cêa. Carolina gostava mesmo muito dos camarões. E bebia, toda palreira já.

Ao outro dia o aprendiz appareceu mais tarde na loja, tresnoitado e cheio de fadiga. Era a primera vez que elle faltava aos seus deveres e o patrão, o Ferreira, velho direito e tostado, physionomia vulgarmente honesta, nada lhe disse. O João era d'estes filhos que os pais, viciosos e desleixados, abandonam pequenos, a uma vadiagem perigosa. Aos dez annos metteram-lhe umas cautelas na mão. De manhã cedo, ainda escuro, ia descalço e cheio de lama ás redacções, comprar os jornaes do dia, numa pasta sebenta, que encontrára numa escada. E caminho dos bairros distantes e ainda adormecidos sob a luz vacillante dos lampeões, lá ia apregoando o *Diario de Noticias* e o *Popular que sahiu agora a dez réis*. Gastava assim a manhã. Algumas vezes pequenino e todo roto, a carne suja transida do frio, deixava-se dormir nas escadas, com a pasta por travesseiro. E esquecia-se no somno, da venda dos *Populares*. Recolhia a casa carregado, com os jornaes intactos; davam-lhe tarefas monumentaes, com uma corda molhada, nos rins. D'uma occasião perdeu as cautelas, pôz-se a chorar na rua, cheio de medo. Quem passava queria saber o que era; elle, soluçante, dizia a sua desgraça, estorcendo as mãos. Alguns davam dez réis. Mulheres de ricos vestidos de cauda, compadeciam-se: - Coitadinho, coitadinho... - As crianças olhavam-o commovidas, esmolando-o. Um velho alto, barba toda, de bengalão, ao passar disse azedamente:

- Parece impossivel que a policia consinta este desaforo, numa cidade civilisada! - E elle envenenava o seu animo numa afflicção profunda, expressa em lagrimas sem remedio. Ninguem tinha achado as cautelas; ia passando cada vez menos gente, menos gente; perguntava a todos; uns riam-se, outros diziam que não! Alguns nem respondiam: todos iam andando! As lojas fechavam: uma tristeza parda fazia-se na rua, obscura e fria. (Os pianos choravam nas salas mediocres dos terceiros andares, velhas *romanzas* de Bellini e Weber em desafinação sentimental, e através das janellas unidas, vozes de meninas lyricas diziam em italiano barbaresco, affectos candentes de heroínas tisticas, com gestos cavos e balladas entorpecedoras, cheias de peccado e offensas á moral publica. Elle sentia no meio da felicidade dos outros, pesar-lhe a sua miseria, como um globo de chumbo do *pesa-mundos*.

Era bonito e loiro; os cabellos crescidos, annelados, revoltos e cheios de terra, davam-lhe uma doçura tranquilla e casta, cheia de encanto e innocencia, o ar d'um leãozinho amamentado num viveiro. Tinha nos olhos um azul escuro de saphira, de uma profundeza de

Bambino, no fundo dos quaes se sentia dormir a sua almazinha angelica, soffredora e crystallizada, como uma fina joia, desconhecida e brilhante. Não conseguira fazer com as esmolas nem metade do custo das cautelas; todo o mundo era feliz e sorria; muitos gastavam em ninharias, em bonecos e em fitas, um dinheiro louco. Só elle não tinha ninguem que lhe desse o quartinho dos seus bilhetes perdidos. Mas um homem vinha envolto no seu casaco de inverno; elle chorava! Encheu-se de valentia e chegou-se ao transeunte:

- Meu rico senhor, começou, eu tinha umas cautelas, que meu pai me tinha dado para vender. E vai, alli na calçada dos Caldas, perdi-as, meu rico senhor. Se eu não levar o quartinho, meu pai é capaz de me enforcar, meu rico senhor. Tenha compaixão...

- Passa fóra, gatuno! O que tu querias nesse espinhaço bem sei eu.

Elle recuou aterrado, convulso.

E varado por aquella violencia ficou soluçando no meio da rua solitaria.

Se fosse para casa, o pai, um pedreiro incorrigivel e bebedo, tinha-lhe preparada a corda, num alguidar cheio de agua. Lembrava-se que a mãe, triste creatura amarella, resignada, loira e cheia de privações, era meiga para elle e clemente, occultando-lhe as faltas, vestindo-lhe a nudez com os seus trapos, contemplando-o em certas noites com um amor, uma tristeza e uma suavidade, toda feita de sacrificios, de dôres e apprehensões. Essa pobre mulher imploraria de joelhos o seu perdão, quebrando nas suas costellas, as pancadas que o pedreiro atirasse ao filho, calada e paciente, de uma humildade evangelica e de uma vileza sublime! E uma idéa cortava-lhe de repente este refferver de recordações, de vacillações, de receios - se elle não fosse para casa? A tunda adiar-se-ia para o dia seguinte com accumulção de juro; a mãe, tão mesquinha e tão boa pagaria por elle, levando puxões de cabellos, picadas com alfinetes, sôcos pelo vazio e pimenta pela bocca, que o pedreiro, em estando *com ella*, era um dragão em casa. A vizinhança ás vezes apitava; elle quebrava vidros, dizia improperios, atirava-se á patrulha, á dentada, como um damnado. Era no inverno, altas horas. Começou a chover, a chover. O vento encanado pelas ruas, ao longo das altas casas, agitava os lampeões com estalidos sêccos. Dois ou tres *coupés* passaram a toda a força. Um d'elles levava crianças e era tirado a quatro. Era o rei que voltava de S. Carlos, com a familia. João ficou parado a seguir aquelles trens opulentos, de gente que podia perder cautelas sem levar tareias, e sem passar noites fóra de casa, com medo das cordas molhadas. Ser rei era para elle muito mais que ser Deus; e phantasiava uma existencia inaudita e phenomenal, se fosse rei. Teria camisas de chita, de quadradinhos, camisolinhas de flanela, boas botas de inverno, um relógio, cadêa com pingentes, mais cara ainda que a do vizinho Mauricio - o da tenda de S. João da Praça. E dir- lhe-iam:

- Vossa real magestade senhor rei, vossa real magestade... E elle daria a mão a beijar, com um grande anel, melhor que o do senhor Parreira, o commissario de policia do seu bairro. E ajoelhariam diante d'elle repetindo:

- Vossa real magestade, vossa real magestade...

E marcharia á frente dos esquadrões de lanceiros cheio de medalhas, uma banda, de bigodes retorcidos e tirando o chapéo armado ao povo, no meio dos hymnos das bandas marciaes. Ou então na procissão de S. Jorge, de manto e debaixo do pallio, iria descoberto, acertando o passo, com ares magestáticos. As beiras dos telhados deixavam cair as suas lagrimas monotonas com um ruido methodico e gelado. No céo escuro e forrado por igual, nuvens brancas, como de algodão fofo, esbarravam, acoissadas pela nortada. Os passeios desertos, nús de transeuntes, offerciam á claridade triste do gaz o seu esguio e pallido espinhaço, que recordava o d'um peixe antigo, dos que se fazem admirar em esqueleto, fossilizados, nos muses. Recortavam vagamente no ar os tectos negros a sua dentadura de pentes partidos; nas fachadas imbecis que os reflexos mosqueavam de um livor doentio, cortadas por filas escuras de janellas toscas, as taboetas faziam nodoas de luto, ensanguentadas por letreiros vermelhos, de modistas e de armazens de fazendas. Ao fundo da rua, num terceiro andar, uma parteira tinha uma lanterna rubra, d'aviso. Dois gatos seguiam ao longo das paredes, miando a sua paixão nervosa e excentrica. E por sobre a cidade os aguaceiros esfarrapavam-se lentamente na sua caminhada fatal, fazendo nos confins dos edificios afastados, longes indecisos e lugubres, linhas frias de mausoléos - um abandono de campo santo, desconsolado e fatidico. João pôz-se a andar vagorosamente, cabeça baixa, as mãos remexendo o forro das algibeiras, transido do ar da madrugada. Não tinha senão um pensamento - não ir para casa. O mais que lhe importava? Mas sentia-se cansado e triste, como quem vai partir para um paiz ignorado, dos Brasis. Sentiu uma cousa dura no bolso das calças: não se lembrava do que seria. Tirou para fóra: era um vidro cheio de facetas, uma rolha de garrafa que encontrára na rua. Com a curiosidade natural de criança, applicou o olho a uma das faces e pôz-se a mirar a luz d'um candieiro, através do polyedro. Experimentou deslumbramentos.

A luz multiplicava-se no seio do crystal em centos de imagens fulgentes e irisadas, vividas numa saturação de amarello pallido. E o crystal dilatava-se como uma arcaria phantastica em mil sentidos oppostos, onde scintillas cruzavam as suas linhas coriscantes, com uma abundancia embriagadora. João nunca olhára cousa assim: era como um mundo de diamante e de luz, salas desertas e immensas, illuminadas como para um sarau. A sua alma como uma borboleta fascinada, ia, em lufadas de gozo, penetrar essa vasta habitação principesca e oriental, feita do que ha mais puro e mais commovente: a luz, a alegria, a gloria... Novamente appeteceu

ser rei e viver naquelle palacio, num throno. Tinha fome, desde pela manhã não comia, as pernas vergaram-lhe:

Encostou-se ao umbral de uma porta, olhando sempre os seus salões magicos vestidos de tapeçarias iriantes, em que a luz incidia polvilhada em atomos de gloria. Mas a fadiga opprimia-o. Curvou os joelhos na pedra humida de chuva, absorto na luz. Os olhos carregados de chumbo, cerravam-se. Mas abria-os devagarinho, para mirar. E sem sentir, uma tranquilidade emolliente nos membros, adormeceu.

De manhã acordou, admirado de haver dormido fóra de casa e surprezo mesmo da proeza heroica, que o expunha ás cóleras do pai intractavel. Corria um arzinho cortante que esburacava a nevoa do rio e dava commoções phantasticas ás nuvens humidas do ar. Uma parte da cidade envolvia-se em grandes vapores translucidos, em que se perdiam as torres das freguezias. No *mac-adam* gasto e revolvido, rugosidades de lama cinzenta faziam hieroglyphos interminaveis, gastos por vezes na profundeza dos sulcos dos carros e no remoinho de pégadas dos vendilhões descalços. Começavam a passar carroças de hortaliças, para o mercado. Jumentos tristes e felpudos, de uma resignação christã, seguiam lentamente carregados de roupa. Uma leiteira forte, vestida de azul, grossas botas de cano, conduzia as suas vaccas meigas e emmagrecidas, todas malhadas de branco, com velhos cobertores no dorso, e as grandes tetas pendentes e cheias, batendo as pernas. Defronte do chafariz, os aguadeiros enfileiravam os barris vermelhos, cintados de negro, a *fazer carreira*; e todos sujos, aparvoados, de uma ingenuidade sordida, chalravam a sua gallegagem brutesca. No entanto as janellas fechadas dos predios, tinham uma passibilidade somnolenta e morna; as aguas-furtadas agudas e revestidas de telhas escarlates, recortavam acima das platibandas pardas, vagas triangulações idiotas. Nas altas varandas corridas dos quartos andares, arbustos rachiticos e estiolados pela estreiteza dos vasos e pela humidade sulphydrica da atmospherá debruçavam pelos buracos da gradaria, para a rua, tristes flôres esmaiadas, velhas corollas de uma sentimentalidade doente; pelas janellas, trepadeiras resequidas enroscavam-se em caniçados, bordando jardins suspensos de amanuenses mediocres. O dia aclarava-se no concavo da abobada. A espaços, no bocejo das vaparisações longinquas acoissadas do vento, esmaltava-se o azul lavado e fino, de uma grande paz commovente. E sentia-se despertar a população. Os moços de padeiro enfarinhados e tiritando de frio, passavam com os cestos, a correr; um sino afastado dava matinas numa toada cheia de melancolia. João ergueu-se, com espreguiçamentos, quebrado da friagem da escada. O que se teria passado; para onde iria agora; o que seria d'elle, sózinho, por ahi?...

A verdade é que não estava para aturar o bebedo do pai: isto é que era! Com a venda dos jornaes e das cautelas sempre ganharia para comer. Podia dormir nas escadas. Ás vezes tinha

venda de ganhar dois tostões; havia dias de menos também; era *conforme calhava*. E contando pelos dedos punha-se a calcular: - um pão, um pataco e chega para todo o dia; dez réis de caldo; um vintem de sardinhas; dois decilitros... ao todo gastava seu tostão. O mais era para fato e extravagâncias *cá da pessoa*. Afinal era uma bella vida. Melhor que um padre de missa! affirmava. E seria livre, costado sem pancadaria, indo ás hortas quando tivesse na vontade - que *uma pessoa* não póde andar sempre no trabalho; lá chega um dia... E repetindo phrases que ouvia ao pai, para a si mesmo parecer homem, lembrava-se irritado das brutalidades do pedreiro. Bem sabia que elle era seu pai e lhe podia bater por ser mais velho; mas as suas costellas não eram nenhum folle de ferreiro. Alto lá! Era de mais, também! E que elle era muito bom, sim senhor, mas em lhe fazendo chegar a mostarda ao nariz - *está quieto!* Mas sua mãe, aquella pobre mulher pallidamente martyr, tão soffredora e tão resignada, que seria d'ella, sem o filho? Como poderia a pobre creatura, de uma fragilidade triste, supportar as brutalidades do marido? E lembrava o seu perfil engelhado e sêcco de privações, os seus olhos amortecidos de dôres antigas e o seu peito esphacelado de tosses, concavo e velho, de que elle pendera pequenino, guloso da mama e envolto em mantilhas frescas. Quantas lancinações rasgavam, havia tantos annos, a alma d'essa obscura macilenta, d'essa trémula escrava de um canalha convicto?... E como uma chamma cantante, palpitava- lhe dentro aquelle amor honesto e cheio de castidade infantil, côr de rosa. D'uma vez estivera doente com sinapismos nas pernas, um febrão desabalado; e em delirio descobria-se no leito cheio de agonias, vendo dançar no tecto os *Populares* e os garotos do seu conhecimento. E em torno da enxerga, na penumbra do quarto abafadiço, de cada vez que lhe vinham momentos lucidos, descobria o rosto anciado da mãe, batido de vigilia e escavado de lágrimas, d'uma expressão que fazia dó. Todas essas lembranças atiravam a sua pequena alma a uma tristeza em que o seu coração se sentia boiar, como num lago acido e corrosivo. Deixar a mãe, apparecia-lhe como um peccado funesto e impenitente, dos que fazem bailar Satanaz. - Nem os brutinhos, dizia, nem os brutinhos fazem tal. E sem resolução, ruminando a sua incoherencia estúpida, com as mãos nos bolsos das calças em frangalhos, foi comprar os jornaes do dia. A luz alastrava-se pelo céo, e no oriente lavado de nuvens agora, os feixes no morno sol, riscavam nas fachadas, polyedros amarellos e emollientes, de um agasalho caridoso e bom.

Nesse dia, acabada a venda, foi a casa. Encontrou a janella fechada e a porta unida; uma grande quietação fluctuava nos quartos. Entrou de manso: o gato dormia sobre a commoda, ao lado do oratorio; em torno quebravam-se na meia luz do recinto, fórmas hirtas de velhos moveis mutilados, cadeiras sem palhinha, mesas sem gavetas, esqueletos de bahús escancarados e vazios, com o forro em tiras. Viu a mãe cahida sobre um colchão, respirando alto. Na chaminé não havia lume, nem louça; o cesto vazio de pão, abandonava- -se sobre o paiol de tijolos. O

João percorreu devagarinho os quartos. No saguão e sobre o peito da janella, um vaso de salsa esverdeada; mais alto, numa cana uma camisa velha estava a enxugar com as mangas pendentes como num desalento miseravel; um chinelo humido e proscripto, sorria como um queixo sem dentes, á borda da sargeta, e tudo aquillo soluçava um desconforto triste, como a nudez d'uma tumba. O pedreiro não estava em casa - ainda bem! O João chegou-se á mãe.

- Mãe! - Ella gemeu alguma cousa confusa, mas a sua cabeça cahiu outra vez, numa prostração desolante. Enrolava a cabeça num chale; um sulco negro descia-lhe da testa á face, inflammada e ardente. O labio escorria sangue, rasgado por alguma pancada. O João descobriu docemente a cabeça da pobre mulher, procurava com beijos dizer a sua pena. E em supplicas balbuciadas, de afflicção sincera, dizia que lhe perdoasse, contava as asperidões da noite anterior, as suas miserias, a perda das cautelas entre gente indifferente e cynica, que lhe chamava vadio.

- Triste de quem é pobre, lamentava elle, triste de quem é pobre! Com as mangas da blusa limpava as lagrimas, e vibrante numa solitudine amavel e leal, toda feita de grandes dedicações, inquiria a historia dos golpes que rasgavam a cara da mãe. Ella mal podia fallar. Tinha esperado pelo filho até fóra de horas: quando o pedreiro recolheu, não havia cêa - pão e agua! E entrou logo a barafustar, a dizer insolencias; que andava a trabalhar como um mouro para aquella grande bebeda, que havia de fazer um dia *alguma* de rachar pedras. De resto tanto lhe dava ir para a costa d'África, como ficar no *Limoeiro Novo*; em toda *a parte se ganha pão*, com seiscentos diabos! Ella queria convence-lo, prestava-lhe contas da semana; pouco recebera da feria, elle bem o sabia; como era possivel tornar o pouco em muito? E esboçava roes: tanto de pão, tanto de arroz, panno para uns remendos, concerto das botas... O marido nem deu palavra; cambaleante, tocado de vinho, sahiu. Ella quiz rete-lo que se fosse deitar, que não fizesse disturbios, *pelo amor de Deus, por tudo quanto tinha de mais sagrado!*... Mas cortou-lhe a palavra uma bofetada crua que a derribou, com um gemido. Atravessou a rua, desceu á taberna. Das bancas gordurosas saudavam-no, como a uma pessoa intima e querida. Ella, coitadinha, chorava atraz da janella, em quanto na parede do fundo, a lamparina do oratorio, posta atraz d'uma cesta, enchia de sombra o papel desbotado, cheio de manchas escuras e fatidicas.

Á uma hora viu entrar o marido, chapéo á banda, a tosca phisionomia viciosa, com angulos de vertices sinistros, sombriamente cortados em sombra, os olhos absortos, fixos num pasmo selvagem, feramente imbecil - como a incarnação do crime! Ella cosia-se com a sombra, sustendo a respiração. A rua estava dormente, a vizinhança recolhida; viam-se passar os gatos de escada para escada, num silencio lugubre e frio. O pedreiro agarrou numa cadeira e esmigalhou-a com estrepito, no meio de pragas. E não tendo resposta, agarrou no oratorio. Os martyres

mutilados e cheios de fitas, os seus rostos de pau pintado cheios de inchações vermelhas, cahiam com uma resignação bíblica no meio da casa. Ella então sahiu da sua sombra discreta e disse-lhe com os dentes estremejando de medo:

- Manoel, anda deitar-te, homem. Tem hoje paciência, amanhã se fará o que queiras.

O pedreiro cresceu contra a pobre, com um pé de cadeira quebrada na mão; agarrou--a pelas goelas com uma força de salteador, e torcendo-a, rangendo a queixada, ebrio na sua ferocidade surda, descarregou-lhe pancadas furibundas nas costas, na cabeça, contra o peito. E ergueu-a inerte, como morta, para a lançar no chão moida de pancadaria. No entanto a vizinhança acordava pelo reboliço; apitos soaram na rua; duas mulheres em saias brancas gritavam - ó da guarda! - e policiaes arquejantes da corrida, enfiaram pela casa com os chanfalhos em riste. O pedreiro queria lutar, esbracejava furiosamente entre os pulsos cabelludos dos agentes, blasphemando. Pelos grupos, uma velha suja, olho de coruja, andava tomando informações, de uns para outros, com lamentos de uma piedade desenxabida. Tinha-se alastrado na rua o borborinho. Alguem trazia arnica para as contusões da *prove*. Uma rapariga aconselhava cerveja preta, cousa de quatro dedos, que não havia nada melhor para maçadas de arrocho. E varios narravam casos de pancadaria com pessoas tesas, que desarmavam a patrulha, com tres tabéfes. O pedreiro amarrado, entre dous policiaes, passou entre as mulheres curiosas, no meio de pragas. E explicavam-se as feridas da *mártyle*: havia uma na cara com'a dois dedos, e já aquilo vertia sangue!... Uma rapariga trigueira, de uma prenhez disforme, tinha suas desconfianças que havia costella partida. Outros gesticulavam, tentando elucidar com figuras e arremedos, a narração que iam fazendo de *como a gente era cá por dentro*. Mas ouviu-se a voz da patrulha que descia a rua.

- Nada de ajuntamentos aqui! Nada de ajuntamentos aqui! - E cada um foi para a sua banda, dando boas noites. A triste espancada nem dava accordo de si. Corridas as primeiras curas das feridas, cada um foi dormir descançadamente e ninguem se lembrou de chamar o medico.

Sem o filho, sem uma pessoa que velasse por ella, a triste mulher revolviam-se nas enxergas ás escuras, em gemidos de dôr e desvairamentos de febre.

E como de costume a manhã rompeu d'alli a cinco horas, annunciando uma terça-feira de inverno.

O dia correu em meio de tristezas carregadas. A casa emergia num torpor abafado. Na rua dois ou tres pequenitos brincavam semi-nús, com lama. O João andava duma banda para a outra, sem poder socegar. Desde as onze horas que a mãe perdera o tino e mergulhára no delírio. Sentia-se sepultar num horror sem limites, como se fôra um ponto suspenso no centro de uma grande esfera vazia, inerte, sem fim, em que eternamente se gira e embalde se chora, sem echo. Fôra de mansinho e descalça, cheio de uma ternura lacrimosa, chamar por ella, dar-lhe agua: a sua pelle sêcca, de um contacto aspero, ardia de febre intensa. Os olhos, de um azul apagado, escancaravam-se num pasmo doloroso; um sulco parvo distendia-lhe a bocca, sêcca e fetida; a respiração cortada, longa, lenta e difficil, soava por toda a casa, com um ruido de serra. O João parava então em frente da cama, absorto e diluido em presentimentos tragicos. A alcova era estreita e núa, de tecto muito baixo, toda pespontada de moscas. Uma cruz negra pendia á cabeceira, com uma palma sêcca, ao través. Num canto, um caixote cheio de ferramentas manchava cruamente as faces rectangulares do recinto. Umas saias esfiadas pendiam num cabide, com um capote verde, e em torno, moscas aos magotes, zumbiam famintas, como quem se aborrece da ociosidade. D'alli a nada entrou a senhora Joaquina, a vizinha do lugar. Trazia um caldo, duas maçãs, cobertas com um guardanapo. E curvada para a doente perguntava como tinha passado a noite, mas calou-se logo empallidecendo, com a chicara na mão.

O olhar do João collava-se nella como um borracho sob a asa da mãe, um terror ullulante penetrava-o, com profundeza gelida e cheia de allucinação. A senhora Joaquina olhou para o pequeno e disse isto:

- A cousa está mal! - E sem uma palavra ergueu-se e sahiu. Elle ficou pregado na parede, sem resolução: ouvia os baques do coração convulso, mas não pensava nada, não se lembrava de nada; ficára para alli, como se o atirassem. E media as palavras no ouvido:

- A cousa... está... mal! O que seria? - Tentava fazer um supremo esforço, queria por força voltar á sua disposição habitual, respirar livre, mover-se elasticamente, marchar firme, com os seus rijos pés plebeus, mas experimentava uma cousa, inexplicavel talvez: era como se o seu corpo se alongasse muito numa facha elastica, e lhe tivessem esmagado a cabeça entre laminas de ferro, depois de o haverem adormecido com chloral, em grande dose. E no fundo do seu peito dobravam como num enterro, aquellas quatro palavras lugubres:

- A cousa está mal! - Os seus olhos erravam pelo tecto, pelo cabide de que pendia o capote em contornos de mortalha, amplas dobras de um funerario abandono. E casualmente, desceram contra as roupas da doente, que arfavam ao tic-tac da respiração. O dia estava triste e forrado de burel; ouvia-se cahir a chuva nas telhas, com um compasso monotono e fino. Á alcova

mal chegavam franjas pardas e mal definidas de luz, que não conseguiam contornar as cousas e em triangulos collossaes, amontoavam penumbras ondulantes de um pavor febril. No animo do João tambem, enormes escenarios de trevas desciam, e obeliscos de bronze, o infortunio como o aniquilava sem apello. A sua imaginação viva e de uma excitabilidade supersticiosa e audaz, fazia surgir como no alvo de um phantascopio, grupos nubivagos de defuntos e velhas historias diabolicas de enforcados que ouvira ás vizinhas: e tudo eram olhos pela parede, pelas enxergas e pelo chão, na sombra, na treva, na incerta claridade da porta, que o fitavam escancarados, com uma teimosia agoureira e uma surpresa cubiçosa. E parecia-lhe que alguém o ia a tomar pelo gasnete que velhas sardonicas, cheias de feitiços, afiavam estyletes para o rasgarem, e um papão de grandes barbas revoltas, capuz profundo de asceta, levantava sobre elle os braços prenhes de maldições e castigos. Os seus ouvidos resoavam interiormente, numa vibração confusa de archeus; sentia as fontes baterem com uma onda de sangue convulsionado, e todo o seu desejo era fugir d'alli e correr para fóra; mas tinha medo de voltar-se; o silencio gelava-o, como de crypta secular, em que se tropeça em ossadas de cavalleiro, e se abrem caixões de velludo preto, ao gemer estranho do orgão. Pela tarde adiante a vizinha chegou, com uma garrafa, mostarda, lençoes lavados. E pôz-se a fazer sinapismos, esfregações, toda repartida em desvelos amigos. Ao lado, o João immovel abria os seus ingenuos olhos azues, uma admiração tosca e vagamemente reconhecida. A Joaquina ageitava as roupas, desembaraçada, mangas de lã vermelha e um lenço de ramos sobre os seios murchos, como fructos sorvados. E dizia:

- Isto é lá cama nem minha avó!

E alto:

- Vossês não teem um quarto com janella? Mudava.-se para lá a cama, sempre ha mais ar.

- Ha, ao pé da cozinha. É o meu.

Foram ambos vêr. Era um casinholo arruinado. Quasi no tecto uma fresta pyramidal e profunda, sem vidros, dava uma claridade amarella: ouviam-se ratazanas roer no forro familiarmente.

A vizinha resmungou:

- Peor a emenda que o soneto! - E com um ar distrahido: - Doenças d'estas, ou bem tratadas ou então...

As ultimas palavras fizeram calefrios na espinha do rapaz. A Joaquina corria-lhe a mão pelos cabellos, com ternura de mãe. E olhava-o esquecida, uma tristeza contemplativa cheia de

presentimentos e emoções. Uma lagrima cahiu na mão do rapaz. Elle então quiz olhar firme, com a coragem de um homem, mas alguma cousa estrangulou-o, e deixou escapar um soluço...

Quando acabou de chorar, a Joaquina tinha-o no collo, dava-lhe beijos, dizendo-lhe consolações banaes e cheias de mimo. E d'alli a nada:

- Olha, filho, se ella pudesse tratar-se no hospital...

Elle ficou afflicto, todo desconsolado:

- Mas ficava aqui só. Não a via nunca, objectou.

- Qual! Aos domingos dão licença para visitar as enfermarias, lá isso dão. - E explicava: havia muita caridade, boas roupas, tudo de linho, e quanto a medicos... a mestrança... upa!

O João com as pernas apoiadas na parede, a cabeça no avental da vizinha, resistia tremendo. Cortava-lhe a resolução, como uma lamina frigida, esta idéa excentrica e rubra:

- Se ella morresse...

Tinha os olhos cheios de lagrimas limpidamente angelicas e uma pallidez definhada, retocava de um mimo casto a graça correcta do seu rostinho ingenuo. Por mais esforços que fizesse deixava-se ir vencendo por um quebramento pesado de fatalidades lividas. A Joaquina fazia tambem grande esforço querendo parecer forte, exteriormente alegre, e a cada passo o seu ar tranquillo e descuidoso, obscurecia-se de angustias, que o seu coração de burgueza bolsava em golfadas. E dizia como para si:

- Mandei chamar o medico para vêr a minha vizinha. Se elle fôr de parecer que vá para o hospital, agarramos nella e toca! O meu homem é muito dos enfermeiros. Um d'elles, o Bento, é afilhado; o Zeferino é até compadre de aguas bentas. Ia bem recommendada, não tem duvida. Lá isso... tratada que nem uma princeza, ólá! - e circumvagando a vista pelos andrajos do quarto: - que nesta pocilga, meu rico, até morrem os que tem saude. Nem sei como vossês aqui viviam e lidavam. - Cuspia de nojo, e resentida:

- Ai! Tudo por causa d'aquelle negro d'aquelle bebedo. Deus me não castigue pela sua misericordia!

Ao anoitecer, a doente empacotada numa maca, foi aos hombros de quatro gallegos para o hospital. Era um cortejo doloroso. As mulheres chegavam ás portas, arregaçadas, no meio de filhos descalços. Algumas diziam - coitadinha!... D'uma janella, a costureira explicava o caso para o segundo andar, e duas oa tres tinham lagrimas e torciam os aventaes, lamentando as cousas d'este mundo. A maca era velha e rangente; o vento da noite erguia a espaços o oleado carcomido e apparecia então na caixa do leito o corpo immovel e morto da velha, coberta com o

capote, indecisamente esboçado. Ia atraz o João, descoberto e afflicto, triste na sua pobreza descalça e orphã, como um cão fiel que esqueceram. A Joaquina parada á porta, chorava. Uma ovarina passou, inquiriu do pranto. A outra mostrou-lhe com o dedo a maca, que desaparecia no cotovelo da rua, e disse:

- Aquella já cá não volta. - Escurecera de todo. Um homem de blusa accendia os lampeões.

No hospital, a maca pousou. Dois moços vieram para expulsar o pequeno, que queria ficar com a mãe. Sózinho, abandonado e partido de soluços, foi-se acocorar numa porta; ficava diante, com uma grandeza sepulchral, a parede branca do edificio, glacial e esburacada de janellas onde uma luz vaga, mortiça, esmorecia. Junto da porta a sentinella girava, e no pateo através das grades, figuras de apostolos, enfileiravam a sua magestade de pedra junto da parede, em pedestaes geometricos e frios. Alli estava a mãe! O que iriam fazer d'ella? Nunca entrára na enfermaria: como seria? E figurava camas de palha cheias de podridão, em que se estorcem corpos de gallegos e mulheres tisticas, numa promiscuidade canalha. Sentia suffocações no peito: nem podia chorar! E a rua no entanto, sonora de passadas de transeuntes, operarios que recolhiam, garotos felizes que vadiavam gritando, offerecia aspectos alegres e cenas de vidas bem alimentadas, no quente aconchego dos *ménages* probos e robustos de labor. Uma saúde lacerante entrou no coração do garoto; e como nunca, encarou a sua vida miseravel. Quando entrou em casa teve medo: uma solidão mortal na cozinha, as ratazanas tripudiando no saguão; abandano, pobreza em tudo. E seria assim sempre! O pai na prisão. A velha no hospital. Que desgraça, que desgraça a sua!...

No dia seguinte era preciso comer. Por conselho da vizinha foi vender os jornaes, para não perder os freguezes. Ao meio dia foi saber da mãe. Expulsaram-no de novo, com uma vara. Perdeu a vontade de comer, voltou para casa aniquilado, amarello e vazio.

- Se ella morreu! dizia. E pavores immensos, soturnos phantasmas de uma transparencia magica, surgiam-lhe de noite aos portaes, gemendo *Credos* de monges, e mostrando dentuças formidolosas. Uma tarde estava no lugar da Joaquina, com os pequenos. Entravam uns e outros a beber vinho: ao balcão um grupo conversava, entre a fumarada dos cachimbos. A voz da vizinha gritou:

- João!

Elle foi. A Joaquina disse:

- D'ámanhã em diante, has-de levar o *Noticias* a este senhor. - Apontava um velho sêcco, olho morto, ar veterano, de blusa azul.

O João olhou timidamente.

- Pois sim, meu senhor, pois sim, disse elle. Seja pelo amor de Deus: Em que rua é, meu senhor?

- Não é rua, fez o homem. Tu entras pela *porta do carro*, percebes? É no hospital de S. José. Vaes por alli dentro, percebes? Tudo por alli fóra. Ha umas grades, entendes? Vaes por alli adiante e vês uma casa baixa, entendes? Tem uns degraus: é ahi. A porta está aberta para quem quer. Renda barata, entendes? - Ria-se, um riso enorme, adunco, de carnívoro.

Os mais tinham gestos comprovativos. Um até disse isto:

- Livra-te de lá morares, rapaz.

O João não percebia nada. Como era no hospital, observou:

- É onde está a mãe?

O velho tossiu cavamente.

- Talvez já fosse minha inquilina, percebes? Mas entram e sahem muitas, nem reparo.

- Sim, sim, fez o outro.

O homem juntou:

- Lá, os semestres teem vinte e quatro horas, entendes? Tornaram a rir-se. O que era velho tinha dentes aguçados e negros de carie: quando ria, esgares de grotesco barbaço repuxavam-lhe as maçãs do rosto tostado, de idolo. Os annos tinham-lhe polvilhada os cabellos, hirsutos como juncos sêccos. No outro dia mal amanheceu, o pequeno entrou a *porta do carro* 3, subiu a rampa, encostado á Escola. No terreiro parou para orientar-se. Á porta parava um estranho carro negro, linhas de cofre, todo crivado de buracos, lugubre e frio como um caixão. Sobre a tampa havia uma urna esculpida, meio coberta com um panno e toscamente executada. Um homem sentava-se na almofada; tinha o seu capote azul, o seu chapéo de oleado e a cara vulgar dos caleceiros nem maus nem bons, imbecilmente honrados. Outros dois, em mangas de camisa, traziam fardos de dentro, feitos de serapilheiras esburacadas, mendigas. O João mal reparou naquillo: tinha visto a casa baixa ao fundo da rampa gradeada: era alli que lhe mandavam deixar o *Noticias*. Foi lá. O velho estava em mangas de camisa almoçando café, á entrada. Era um corredor estreito para onde abriam oculos de vidro de pequenos compartimentos claros e cheios d'ar; a luz crua da manhã cahia do alto, pelas vidraças abertas. Ao fim do corredor, um altar negro frisado de douraduras, sahia da parede, e em cima um Christo de pau, entre velas intactas e cheias de moscas mortas, estendia os braços cylindricos, dourados a casquinha.

Um arame escuro, de algum timbre distante, riscava a brancura do tecto e unia outros arames convergidos de cada compartimento, como uma espinha de peixe. Oxydada e velha, uma lampada de latão cahia de cima com a sua luz inutil na claridade diurna. Tudo aquillo era de um aspecto lugubre e frio através de que se sonhavam infortunios e allucinamentos. O João esteve a mirar tudo: estaria alli a mãe? Era o hospital - devia estar. E via o velho ensopar em café grandes pedaços de pão; olhava...

- Aqui está o jornal, disse. E ficou-se. Tinha ganas de perguntar pela mãe; acanhava-se. Ao fundo, a lampada pendia, como num nicho. O altar negro e frisado de ouro lembrava uma capella de jazigo. Tirou o barrete, reverente:

- Ó meu senhor...

- Que é? fez o velho. E tasquinhando - é o *Noticias*, hein? Aposto que traz o caso da sopeira dos Calafates!

- Ó meu senhor, isto aqui é igreja?

- É hospital: tu não vês?

- É hospital...

E a medo, uma ansiedade intima:

- A minha mãe está ahi, está, meu senhor?

Tremiam-lhe os labios, e conhecia-se a dolorida expansão d'um amor de ave, implume e doce, que descobriu amparo. O velho olhou-o com ironia, depois teve dó, um dó alarve, quasi insolente.

- Procura-a se queres, respondeu.

E o seu dedo escuro e cheio de nós apontava os oculos dos pequenos cubiculos, abertos sobre o corredor. O garoto entrou a medo, como numa igreja: como era baixo, não chegava aos vidros. Havia um banco: agarrou nelle, assentou-o junto da primeira porta, subiu corajosamente com a pasta debaixo do braço. Esteve a olhar, a olhar.

- É um homem, disse elle.

O guarda parára de comer; na dilatação da sua pupilla poder-se-ia adivinhar a alegria surpresa de quem vai pregar uma boa peça.

- É um homem, é, concordou.

- Dorme, coitadinho: - e penalizado - tão magro!... Tem filhos, meu senhor, tem?

O velho não respondeu. A esse tempo, já o pequeno tinha o banco ao pé da segunda porta e subia.

- É uma velha, notou elle. Olhe meu senhor, está-se a rir. Cada olho!

- Ri-se de ti talvez, comentou o guarda. E para o afastar do oculo: - está doido; sahe d'ahi.

O João detinha-se muito pallido e nervoso, presentindo alguma cousa horrivel. E não podia descer.

- Mas ella não mexe! - Tremia de medo. - Meu senhor!

- O que é?...

- Aqui é o hospital?... Diga, é o hospital?

- Pois o que ha-de ser? Não vês as camas, os doentes?

O João hesitava, agitado.

Não disse nada, desceu devagar com a cabeça pendida numa absorpção angustiosa. Poz o banco ao pé do terceiro oculo; subiu.

- É a mãe! - Tinha os ultimos alentos na voz; uma revolta de amores, desconfianças e luto, impulsionára agora de subito nessa organização inerme uma desusada actividade, quasi uma audacia. Saltou para o chão, arremessando o banco. Ia abrir a porta. O guarda correu para elle, deu-lhe um encontrão brutal! - Eh rapaz!... Diabo! - Segurava o fecho, olhando.

- Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus! implorava o pequeno - É a mãe, é a minha. Deixe-me ir fallar-lhe, deixe meu senhor.

E de mãos postas:

- Pela sua saude, por alma dos seus defuntos! - E com um desespero explosivo: - Ora isto! ora isto! - Levava os punhos cerrados aos olhos; um choro dilacerante abalava-o. Tomou as mãos do guarda: - Só pedir-lhe a benção, meu senhor; vou-me logo embora, vou- -me logo embora!

Essa alma dura do velho, verteu compaixão.

- Mas não podes, não tenho ordem, percebes? - E dava razões: - ella estava com causticos, com uns emplastos na espinha: tinha acabado de tomar o remedio; era um banho forte, que fazia dormir. E que bem tinha visto pelo oculo, pois não era verdade? Não lhe tinha visto os olhos fechados? era somno, está claro! E que se queria vê-la boa, não a fosse agora acordar, a pobre velhota. Percebes?

- Amanhã vens tu aqui, entendes? - de manhãzinha cedo, e talvez já ella esteja capaz de te vêr; entendes? Pois isto é que é.

Elle de cabeça baixa, reflectia.

- Vossemecê não me engana, não? Sou um pobre de Christo, vivo dos jornaes; não vê? - E apresentava a pasta. O guarda compadecia-se.

- Não engano, homem: para que te havia de enganar? É boa!

Armava no rosto uma sinceridade benevola e rudemente ingenua. O João sahia vagoroso.

- Então amanhã, meu senhor. Adeus. Seja por alma de quem lá tem.

Ao fundo dos degraus deteve-se para voltar a cabeça. E ficou-se a murmurar pensativo:

- Mas quando uma pessoa está doente, não apanha ar. Alli teem as janellas escancaradas. - Ia devagar, embebido, com os jornaes na pasta. - Elles sempre são cirurgiões, disse, entendem mais que *um* qualquer. - E a espaços: - Então amanhã. Hei-de -lhe contar que estou muito obrigado á vizinha; nem que fosse minha mãe. - E chegou á rua, ergueu o pregão. Todo o mundo era feliz e sorria. Ninguém reparava nelle.

Disseram-lhe depois que a mãe morrera, e a sua vida mudou. Nunca mais foi visto no sitio nem tornou a levar ao velho o *Noticias*, todas as manhãs. Dormia nas escadas, de manhã vendia os jornaes, o resto do dia passava-o nas ruas, sentado pelos bancos das praças, dormitando canalhadamente ao sol. E a suavidade de genio, a doçura implume dos seus olhos derivaram numa rispidez, numa malicia de garoto.

Entre os da sua idade começou a ter predominio; era o das partidas subtis, o que commandava as troças que o bando fazia aos velhos, o que ia gritar nas escadas, o que armava intrigas, desenvolvia contendias, e nos magotes repartia soccos e pontapés, no meio da grita e das risadas dos taberneiros. Durante dois annos viveu esta bohemia das ruas, tripudiando no meio infimo a sua turbulencia e a sua alegria. Ás vezes tinha fome: ia pedir nas ruas escuras, com o barrete na mão, a quem passava. E o seu coração soffria todos os maus modos e todas as humilhações, sem rebeldia. Nesta senda privou com os incorrigiveis, conheceu os mendigos, os gatunos e as velhas de capote verde, sem meias, que esmolam nos adros das igrejas, em lamentações dolorosas. Uma vez a policia entrou numa *casa de malta*, na vespera de uma parada, e varreu quanto lá achou para a prisão. Os pequenos foram mettidos na *Casa da Correção* e os

gatunos no Limoeiro, por contas antigas. Sentiu duramente o carcere, e sinceramente chorou a vadiagem dos antigos dias, em que o seu pé vivo, forte e agil, pisara livremente as ruas em corridas ruidosas, em pandegas de boa marca. Na reclusão, os seus dias medidos por occupaões sujeitas a uma tabella e a um horario, foram enlutados no tedio e no sentimento da propria inutilidade: levantava-se antes de nascer o sol com os demais companheiros estremunhados, tiritando do frio que ao longo dos corredores se esfusiava cantando; um sino batia horas acima das abobadas, e o echo ondulava de cella em cella, como o soluço de uma alma penitente, a quem não perdoam; pelas profundas janellas do antigo convento, pedaços de céu faziam manchas lucidas de espiritualisação ineffavel, em que o olhar dos pupillos se dilatava com grandes tristezas de opprimidos. Caminhavam formados dois a dois para a capella, á oração da manhã. Depois cada um ia para a sua officina, ou para a aula de estudo. Os rudes prefectos passavam lugubres, lividos e cheios de consumpção, e os seus olhos ferozes corriam sobre as cabeças humildes dos rapazes curvados sobre os livros ou sobre os trabalhos de officina. Aos domingos ouviam missa; uma charanga tocava no pateo e os jornaes convidavam o publico a ir vêr o collegio, louvando os desvelos do director e proclamando os resultados da instituição beneficente. Alli tomou elle proposito, aprendendo a ter aceio, correcção e aprumo; aos dezoito annos o Ferreira tomou-o para aprendiz; era já uma pessoa cheia de si propria, estatura avantajada, completamente formada, que passára incorruptivel no meio viciado do hospicio, resistindo aos vicios morbidos e fataes da caserna, e salvo numa palavra, da ociosidade e do desprezo de si mesmo.

Resolveram encontrar-se, o João e Carolina, todas as noites, á hora em que fechava a officina; iriam passear, fallando dos seus negocios sem temer ditinhos da vizinhança. Elle instára vivamente para que se ligassem; era assim melhor, não soffriam tanto as saúdades da ausencia e estariam á vontade; e se a *coisa* tinha que ser, que fosse quanto antes. Carolina lutava um pouco; todos os seus cuidados eram o pai; quando elle chegasse a casa e os visse, que diria? E supplicante, uma meiguice infantil, obrigava João a ceder, com pequeninas caricias voluptuosas e finas. As noites eram frias e escuras, orvalhadas no alto de scintillações de estrellas, archipelagos de luz num Pacifico lobrego e sem fim. Reuniam-se a uma certa hora no largo da Estrella, e de braço dado, estreitamente unidos, com declarações pelintras empoladas de palanfrorio sem nexo, diziam um ao outro o seu amor eterno, citando cantigas, pequenos versos de manjarico, procurando a sombra, desviando-se das zonas claras projectadas pelos lampeões, como proscriptos conscios da sua culpa. De ordinario vinham por S. Pedro d'Alcantara, S.

Roque, até ao Chiado. Áquella hora as ruas atulhavam-se de gente abafada em capotes felpudos, carruagens cheias de mulheres melancolicas; um largo ruido emergia da luz, da vida e da enorme respiração da cidade, espapando-se nos ares num tom indistincto e abafado. Á porta da Havaneza um forte grupo enchia o asphalto; caras em sombra sahiam das golas altas; de todos os lados partiam rumores de palestras que apanhadas de relance, davam a diversidade mais curiosa e frisante; *marialvas* pallidos e bonitos, altas pernas apertadas em calças prenes de joelheiras, chupavam cigarros em grupo, provocando as costureiras que recolhiam dos armazens; militares sêccos, sonoros de esporas, uma curva de espinha, discutiam ás esquinas. Á porta da casa *Singer*, destacando em sombra na crua luz irradiante do lustre, um conego forte e barbeado, envolvia-se na sua capa, baixo perfil de javardo estupidamente grave. D'um lado e outro, a fileira de transeuntes seguia, gente de todas as castas, mulheres embuçadas em mantas, rapazes debeis e palreiros, velhos *dilettanti* da opera que faziam a digestão com charutos fortes; ao trote de grandes parelhas, as familias iam para S. Carlos, recostadas nos cochins dos *coupés*; e Carolina, invejosa da vida que não vivia e da opulencia que a deslumbrava, ia picando as scenas de comentarios amargos, um vago rancor de proletaria. O João murmurava de quando em quando:

- Isto é o tom, isto é o tom! - Gente pasmada parava em frente das *vitrines* do Seixas, admirando oleographias, porcelanas, pequenas esculpturas suissas. Defronte quasi, no *Élie Bénard*, as amas de toucas de renda apertavam polichinellos, pequenas arcas de Noé, para frescas crianças de banqueiros, aconchegadas de arminhos e louramente ideaes. No *Leonel*, as senhoras de cauda *princesse*, perfis orgulhosos de marquezas, pallidamente altivas, viam setins da estação, fortes velludos de pregas electricas, opulencia cara. Sentia-se apregoar o *Jornal da Noite*. Divas de mantilha marmoreas de *ris*, elegancias de figurino, vendiam-se a quem passava com pequenas tosses e *psts!* Elles atravessavam a multidão, isolados no ruido como estrangeiros. A *rua Nova do Carmo* tinha menos gente, menos luz. No fundo do *Margotteau*, uma luz soturna agonisava sobre estofos amantoados, pilhas de cochins, bancas de jogo marchetadas, e brilhos de lustres, pendentos do tecto. Sobre o Rocio cahia a cupula tenebrosa da noite, como um assombro legendário; em D. Maria, acima da arcada, pontinhos de gaz escreviam *espectaculo*; em torno da praça rolavam os trens; soldados risonhos saracoteavam-se na penumbra entre os grupos de velhos celibatarios; o *Martinho* estava cheio de estudantes e de litteratos; e contractadores de senhas, cauteleiros e americanos em marcha faziam um ruido infernal e continuo, o *tohu-bohu* das capitaes exaltadas pela nevrose da noite. Elles iam seguindo vagarosamente. Fechavam as lojas. Chegavam de ordinario a casa muito tarde. A vizinhança dormia. No relógio da Estrella badalavam quartos, som lugubre. Passavam a noite amando-se, jurando a si mesmos fidelidades

eternas e amores phenomenaes, em quanto a vela de sebo posta a um canto, deitava clarões amarellos e um cheiro suffocante de morrão.

Afinal o João fez conduzir para casa da rapariga o seu bahú, os seus arranjos. A vizinhança fallou do escandalo, nunca se vira uma pouca vergonha assim, o mundo estava perdido.

Muitos diziam:

- Já a comadre bebe! Mas deixa que o pai saberá...

Só a Marcellina achou natural.

- Cada qual governa-se, sentenceava ella.

Os primeiros dias correram-lhe distrahidamente, nas esipras d'um amor canino e deshonesto.

O João apparecia tarde na officina, cheio de sono e de fadiga. E soffria as meias palavras do Ferreira, a sua grosseira rabugice de velho rigorista, via-o atirar as cousas com mau modo, girar nervosamente por entre os bancos de trabalho com o olhar relampejante através dos oculos. Para o aprendiz, o melhor tempo era o recolher do trabalho ao cahir da noite: ia quasi a correr para casa, subia a escada a quatro e quatro; Carolina estava de ordinario costurando, com um casibeque de lã, lenço na cabeça, a face de uma pallidez transparente e dôce. Elle tomava-lhe delicadamnte a cabeça, com as duas mãos; beijavam-se com uma sofreguidão provocante, e toda ella vergava languidamente no peito do aprendiz, sonhando as divagações mais sublimes. Nunca sahiam, senão noite feita. Diante d'uma mulher, o João experimentava um aconchego tepido, delicioso: com ella, a sua força, a sua fórmula vigorosa e superior, acobardava-se, quebrantava-se, cahia: era então dos sentidos. Não se lembrava de olhar em torno de si, no desleixo da casa nua, repartida em compartimentos baixos e rectangulares, sem luz e esfolados nas hobreiras, com laivos d'oca barbarescos no rodapé. Pelas paredes encostavam-se moveis antigos e côxos; leitos de ferro de varaes tortos, tinham colchões extripados e cobertores de uma farrapice sordida; em volta nem um objecto limpo e cuidado, nem uma côr alegre e rutilante, em que a vista pascesse uma satisfação honesta; todas as fórmulas duras e cruas das cousas tinham um desleixo antigo, de annos, e dismantellavam-se como bem lhes parecia. Pelos aspectos, via- -se a historia de Carolina, a sua orphandade, as ausencias do coveiro na desolação das covas, como um desterrado. Na cozinha, a chaminé derruia lambida da fumarada, cheia de terra e tijolos partidos, abrindo como uma goela calcinada e pulverulenta. Têas d'aranha, espessas e papudas, faziam prateleiras aos cantos. Num poial humido e cheio de covas, rimas de pratos sujos, de almoços antigos, estavam para alli de semanas; sobre o peito da janella, uma palmatoria de barro tinha um

coto de sebo; a miseria enrodilhava-se pelas cousas, numa frialdade canalha e vilíssima, em que se accusava uma existencia sem destino, sem direção, sem o exemplo d'outra. Nenhum movel no seu lugar, o lavatorio vazio, uma bacia numa cadeira, saias enxovalhadas nos ferros dos leitos e o gato lambendo-se sobre um chale. E á medida que passava o tempo e os dois conviviam, Carolina que no começo por pudôr, fôra um pouco cuidadosa, entrou a entregar tudo ao acaso, para alli, ao *deixa-te estar que estás bem*. Em quanto só, era ella quem lavava a sua roupa, de mez a mez. Quando o João se ligou com ella, foi impossivel continuar aquillo. Eram precisas camisas engommadas, roupas, lenços brancos, quem costurasse, quem cuidasse com amor, sem fadiga, sem mau estar, todos os pormenores do lar e todas as pequenas necessidades do traje. Carolina nunca engommára. Foi perguntar á Marcellina como era. A velha deu explicações: que se molhava primeiro a roupa em goma fervida, com um trapinho, e depois se punha a enxugar muito bem, a enxugar... Carolina lavou corajosamente as camisas do aprendiz, mas não ficaram brancas - que birra!... E resignada, aqueceu o ferro, pôz em pratica quanto ouvira da velha; mas o ferro tostou-lhe o pano deixando uma nodoa escura e fumegante; ella ficou toda desconsolada, lacrimosa, temendo ralhos, quando o João viesse. Fazia um mez que se tinham visto no arraial. E Carolina reflectindo, comparava os dias á medida que elles se distanciavam do primeiro: as cousas não são algumas vezes o que parecem; nem tudo o que luz é ouro - lá diz o rifão. Era verdade! E entristecia-se. O jantar foi menos animado que os anteriores. O João não tinha vontade, era sempre a mesma cousa... E em conversa disse os seus pratos mais predilectos, em que havia mexilhão, cabeça de porco, refogados. Ella estranhou a palavra.

- Refogado! disse sem perceber bem. Olhava o tecto - Refogado!

- Sim, não sabes? fez elle admirado d'aquella ignorancia. E pôz-se a dar explicações, a dizer como era. E d'alli a pouco:

- Em cousas de cozinha, *a modos* que sei mais que tu. - E sem mudar de tom: - Diabo! Que te ensinaram então! - Carolina resentiu-se um pouco. Estiveram distrahidos nessa noite; queriam ambos disfarçar, ter excessos, exuberancias, brincadeiras, pequenas ternuras piegas, mas de repente esqueciam-se e paravam sem saber porque, absorvidos. Elle perguntava-lhe:

- Em que estás pensando?

Carolina encolhia imperceptivelmente os hombros, um meio sorriso sem expressão.

- Nada. - E ao acaso: - em meu pai. Porque perguntas? - Estiveram assim. Viam-se os seus esforços para entabolarem palestra e parecer como nos outros dias, mas um tedio e uma contemplação intimas dominava-os, atraçando-os.

- Amanhã é domingo, observou Carolina. E com admiração: - Já amanhã é domingo, hein?

- É verdade, perguntou elle, tenho roupa?

Carolina sentiu-se empallidecer. Balbuciou:

- Tens. - O seu desejo seria aventurar uma explicação, dizer o que succedera, afiançar a sua boa vontade, pedir perdão da sua simpleza selvagem; mas que vergonha!... Qualquer rapariga engommava, varria, sabia cozinhar, manter limpas as cousas, brancas as hombreiras, sadias de traça as roupas guardadas nas gavetas e nos bahús: e só ela, a burra nada sabia, aquelle grande cavallão! Tomou coragem!

- Olha, disse, e ficou-se; sentia-se palpitar.

- Que é?

Na calada a asma do gato resfolegava.

- É que eu... - curvára a cabeça com a vista obscurecida de lagrimas. O João ergueu-lhe a cabeça com a mão, tomando-a pelo queixo, com carinho quasi.

- Que diabo tens tu, filha? Então! Que diabo quer dizer essa aquella! - E sem obter resposta: - Se tens alguma cousa, Carolina... - e commovido, admirado: - mas offendeste- -te do que eu disse ha pouco? Nem reparei, foi sem tenção de te magoar. - Beijava-a repetidamente, procurando chamal-a a uma tranquillidade conciliadora e a uma justa apreciação de palavras.

- Não vês que te amo tanto, hein? não vês? Uma pessoa, ás vezes, nem repara nas cousas que diz; vês tu?

Ella abafava soluços, com o lenço.

- Não é nada, não é nada: isto é do meu genio *a modos* tristonho, dizia ella; que eu bem sei que não sirvo para nada, bem me conheço. Para que serve um diabo assim?... Nada sei fazer, nunca tive quem me ensinasse, por minha desgraça! Até nem roupa...

O João acudiu logo:

- Se não está arranjada é o mesmo; lá isso não tem duvida; não nos havemos de ralar por tão pouco. Ora! Manda-se á engommadeira; alguma vez aprenderás. - E enxugava--lhe as lagrimas. - Sua tola! Agora a choramingar. - E dava-lhe pequeninos beijos, abraços amigos, dispensando-lhe sollicitudes paternais.

- Vale lá a pena! resumia. Não sabes, acabou-se. Ninguém nasce sabendo, isso é velho. Ninguem te ensinou... não tens culpa; é boa!...

Mas no seu animo encrespára-se um mau humor que o ralava, e uma irritação sem alvo fazia-o passear com rapidez, accentuando as passadas no sólo. Não sahiu no domingo, ficou á janella fumando. Via passar na rua grupos todos aceados, mulheres vermelhas e fortes, cheias de saude e de alegria. E sem querer punha-se a comparal-as com Carolina, tão lymphatica, tão desleixada e tão pouco limpa. Homens iam de charuto, fumegando com pompa, bengala, suas botas engraxadas, camisa muito branca.

E elle não tivera camisa lavada, nem gosto para dar o seu giro ás hortas ou ao passeio.

E molestado, roído, retirou-se para dentro, foi estender-se ao comprido na cama.

- Ai! suspirou. A gente sempre faz cada uma! - E ficou-se immovel, reflectindo com saúdades dos tempos em que era livre e tinha camisas lustrosas, todas brancas, cheirando frescamente a sabão.

Pouco a pouco o aprendiz pôz-se a reparar em tudo, na casa, nos objectos d'uso, na cozinha, nas lavagens. Carolina não tinha nenhum d'esses instinctos delicados e espontaneamente artisticos, que são a revelação da mulher; nos seus menores labores era de uma incorrecção tosca e de uma rotinice escura. Não varria a casa, ou varria-a mal; nenhum methodo, nenhuma paciencia, nenhum amor em conservar as cousas. O João mandara para casa uma commoda, cadeiras, um pequeno espelho, duas jarras de louça azul, e elle mesmo tinha disposto tudo, esfregado o sólo, as portas, concertado as bancas e o leito, nas horas vagas. Mas dias depois o pó cobria tudo, havia signaes das mãos gordurentas de Carolina nos puxadores das gavetas; a cama estava sempre desmanchada, com o signal dos corpos. Elle perguntou-lhe uma vez:

- Que fazes tu, quando eu vou para a officina?

- Costuro alguma cousa, durmo. É tão triste!...

- Mas filha, deves arranjar a casa... aventurou elle.

Carolina ficou-se. A sua natureza preguiçosa, habituada aos ocios, quebrava-se de fraquezas, bocejos e espreguiçamentos, só de lembrar-se do trabalho que tinha a fazer. Ás vezes luctava, fazia uma grande actividade, mexendo por um canto e por outro, mas vinha a fadiga, o aborrecimento: atirava-se para cima dos colchões.

- Se eu não posso!...

O aprendiz dera-lhe vestidos novos, uma pequena capa de xadrez, mantas, roupas de patente com abertos. E tudo andava pendurado pelas portas, á poeira e aos encontrões, desmazeladamente. Passava horas penteando os seus cabellos ruivos, annelados e finos, de lustro macio e espessura abundante, phantasiando penteados, ensaiando laços, cuias arrebitadas,

vaidadezinhas de criança. Outras vezes amanhecia preocupada, taciturna, nervosa, salivando pelos cantos; fazia o almoço muito cedo. O João ainda ficava às vezes na cama; ella ia devagarinho olhal-o; aproximava-se curiosa, absorta no vulto do aprendiz que arfava sob as roupas mornas. E cheia de vertigens, de subitaneas paixões que rebentavam do seu temperamento em espiraes de desejos, lançava-se a elle, abraçando-o como doida, fazendo as protestações mais vivas e os amuos mais dôces, tentando vender-se sob uma face nova, inventando mesmo ardores, manias e excentricos phrenesis inexplicaveis. No meio de tudo isto, e afóra estes arrulhos, o seu desarranjo era o mesmo; não lhe passava pela cabeça que captivaria o seu homem, tornando-lhe o lar alegre, limpo, fresco, fazendo luzir a boa ordem, a boa administração e o decoro nos mais simples pormenores da residencia. Fóra do peccado mortal, não tinha prestimo, nem imaginação, nem proposito.

E neste meio o seu corpo desenvolvera-se um pouco; os seios ampliaram-se numa curva graciosa, de contorno quasi casto; e esmaltado de pallidez morbida, lasciva e um pouco scismadora, o seu rosto era dôce, de uma harmonia dolente, como certas pinturas de virgens martyres que oram em attitudes pias, no fundo das capellas da arte gothica.

Um dia o João achou-a fétida, cheirando a saias velhas; nunca mais lhe sahiu esta idéa da mente; entrou a achal-a esqueletica e cançada; ao deitar-se fazia um esforço para não parecer saciado, mas os seus beijos eram frios, convencionaes, espaçados. Ella reclamava, cobrindo-o da sua paixão como de um caustico, querendo reapoderar-se de um amor que lhe sentia fugir e padecendo, em balde, ciumes de todo o mundo. E começou a desconfiar, a seguir o João á officina, a furtar-lhe as voltas. Nas menores palavras que elle dizia encontrava dois sentidos, o apparente, e o occulto que parecia envolver sempre um sarcasmo, uma ameaça, um insulto. Foi uma lucta tremenda; a sós fallava alto, altercava comsigo mesma, dizia pragas, architectando projectos de vingança e planos de seducção.

Havia horas em que a sua vontade era morrer, tomar qualquer corrosivo, precipitar-se da muralha de S. Pedro d'Alcantara; outras vezes estalava de afflicções, contorcia-se em desvairamentos supremos, querendo chorar, soluçar, pôr em evidencia a sua sorte. Quando elle vinha, affectava rosto sereno, uma certa despreocupação feliz; mas a sua gana era apertar-lhe as goelas, para que outra o não gozasse. Em quanto o João comia, ella encostada á porta da cozinha punha-se a fital-o do fundo da sua paixão damnada, cheia de idéas tragicas. Uma noite agarrou-o pela cintura, os olhos envidraçados:

- Tinha mesmo vontade de te matar! disse sôfrega. O João riu-se, olhando-a; mas ficou logo todo serio, abrasado naquella ansia, e uma corrente galvanica percorria-o, nascida no olhar d'ella, sequioso e feroz, cheio de gula e de fel.

Vieram então as pequenas especulações, as pequenas ciladas sujeitas todas a um plano geral de má indole, de reserva e de ciume - da parte de Carolina. Umaz vezes era o jantar que não estava prompto a horas, outras reclamava bugigangas de adorno, fitinhas, meias de riscas escarlates.

O João satisfazia tudo, ouvia tudo, mas era-lhe indifferente esta ou aquella deliberação; tudo achava capaz, assisado, justo.

Já não era o mesmo. Emmagrecera nas faces e andava pallido, com os olhos fundos de cansaço. Tinha agora para mirar as mulheres uma attenção persistente, uma fixidez de olhar que as percorria todas, desde os cabellos até aos pés. E muitas vezes na rua voltava-se para traz, seguindo as que lhe passavam perto. As suas predilecções eram todas para as roliças, e sentia furores pelas trigueiras, em cujo labio superior via ensombrar-se a penugemzinha de um buço, donativo de vivacidades de temperamento e escandecencias do sangue.

- Mulher que se sintá nas mãos! notava elle rudemente.

Esta transição demarcava o homem feito e precocemente liberto das ultimas infantilidades, homem com caracteristicos de appetite, phrenesis e vacilações de character.

A cara emborbulhára-se-lhe de barba, tinha-lhe engrossado a voz e accentuava-se um cunho imperioso no seu modo de dizer.

Na officina, quando de manhã apparecia em algum d'aquelles desalentos profundos nascidos da desordem das noites, os collegas riam-se cobrindo-o de chufas e apoquentando-o com perguntinhas velhacas. Do seu banco, o Ferreira não dava palavra, mas de quando em quando sahia-lhe um canto nasal, espaçado por grandes silencios, que era a sua fórmula de raiva brusca, recalçada por sessenta annos de prudencia. Os intimos porém queriam da bocca do João saber por força como tinha sido, se adormecera tarde e se a lua de mel continuava. Entre risadas apupavam-no dos bancos de trabalho:

- É o mez dos gatos, não admira, diziam.

Elle dava cavaco em ouvindo estes dichotes. Ficára mal com os dois ou tres mais atrevidos, jurando que faria alguma ainda. O seu genio concentrava-se num silencio reflexivo, quasi triste. Era muito exacto ás horas do trabalho, pacientissimo aos ralhos da rapariga, vivia pouco em casa, recolhia tarde. Ella uma vez observou-lhe:

- Tu já não és o mesmo rapaz, João!

- Ahi vens com tolices, tornou elle.

Carolina invadia-se de um terror desconhecido, toda entregue a uma desconsolação.

Uma tarde a Marcellina appareceu:

- Adeus, filha, adeus. - E notando a commoda, as cadeiras: - Viva! Isto é que é! isto é que é!... Viu-se tafularia maior? - E mirando Carolina:

- Que senhoraça, que senhoraça! Toda no chefe. Sua espiguilha no casibeque, sua cruz ao pescoço... Ai! quem tem homem não sabe o que tem. Vejam como tudo está mudado. - E baixo: - Quanto custou cada metro? - Apalpava a fazenda do vestido, esfregando-a, estudando a espessura. E expluiu logo em narrativas, que a mulata tornára para o hospital, e morrera! - Minhas ricas quatro moedas, que fiquei a vêr navios. E azorragando os caloteiros abria a caixa de tartaruga, tomava rapé com os dedos em leque, sorvendo com grande delicia, o olhar piedoso.

- Como te vaes dando com elle? inquiriu passado tempo.

- Bem; então como? É muito bom rapaz, lá isso sempre o direi.

- Bom genio, hein?

- Bom genio... - E vencendo uma repugnancia, affectando grande franqueza para com a velhona: - Olhe, todos nós temos as nossas cousas, percebe?

- Está visto, está visto. Que bom, só Deus.

Fizeram um silencio beato. A Marcellina desconfiava já que tinha havido *mócada*. Interrogou cheia de curiosidade:

- Mas houve alguma cousa?

- Não. O que havia de haver? Hoje em dia, uma mulher precisa saber de tudo. Eu confesso a verdade: de engommados não sei. Quem é pobre não usa certas cousas.

- Nisso fui eu sempre com'a primeira. Não é por me gabar. Que engommo encanudados ainda hoje, como poucas - e explicita: - e que é uma das cousas mais custosas de fazer bem, o engommado!... só o polimento!...

- É verdade, é verdade, dizia Carolina.

- Mas o que? Elle disse alguma *piada* por isso?

- Estranhou. Elle nunca se zanga. - Armava no rosto uma soberania indomavel. - Zangar-se? Oh!... tenho-o aqui fechado - e estendia o punho - mas...

- Ora dize a verdade: tu queres contar-me alguma. Co'os diabos! Bem sabes como eu sou. Falla á vontade. Se eu te puder valer... p'r'ás amigas estou ás *ordes*.

- Olhe, é verdade. O João nos primeiros dias, eram excessos que nem eu sei. Andavamos sempre aos abraços, ás festinhas, nunca nos separavamos. Mas há uns dias que o vejo apoquentado, mettido comsigo; come e vai-se com Deus; hoje não gostou do jantar; passa as noites fóra, recolhe-se altas horas; a minha desgraça!

A velha pasmava.

- Pois olha, fartou-se cedo, o melro. Então será de má bocca? Mas não desconfias de nada? Não lhe deste tu motivo?

- Que eu saiba, não. Talvez se aborreça por eu não saber bem governar a casa. Sempre disse: nunca Deus me dará fortuna em coisa nenhuma!

A Marcellina reflectia. E d'alli a pouco:

- Queres tu experimentar as cartas? A ver o que dizem. - Carolina estremeceu.

- Credo! Tenho medo. - E mais baixo: - Dizem que apparece o diabo!...

Ficaram caladas. E depois:

- A mim, ninguem me tira da cabeça que o João anda de *olho* com alguma *gaja*!

Puzeram-se a fallar no tempo. Marcellina ergueu-se para sahir.

- Se elle te não quizer, filha, não morrerás de fome por isso. Graças a Deus, em quanto houver homens, qualquer mulher se governa. Tive muito d'isso, tive. Ai!... Tomára-me nesse tempo!

Desceu a escada. Á porta observou, piscanda maganamente o olho:

- Não fui das que gozei menos, não. Que até condes beijaram este palminho de cara. Ai! Bom tempo! - E serviçal: - Eu indagarei, eu indagarei a cousa.

A rapariga não dormiu nessa noite. Ergueu-se ainda lusco-fusco, cabeça pesada, uma fadiga enorme nos membros. Sentia que a sua vida oscillava na noticia que a Marcellina trouxesse, como num fulcro de aço uma agulha magnetica. Ao meio dia de feito, a velha voltou, olho arregalado, agilidade de alcoviteira no andar, rebolando-se, co'as barbicas assanhadas.

- Sabes tu, sabes tu? Vai todas as noites ao Moinho de Vento palestrar com uma sirigaita do primeiro andar, mesmo á esquina do pateo, por cima da loja de louça. Está alli horas ao relento, a *tomar gargarejos*: só uma carga de pau!

- Por isso elle vem tarde!...

- Vejam as habilidades do Santo Antoninho de quinta, hein? Ahi está para que elle se empenhou tanto commigo, para chegar á tua falla; vê tu? - Atafulhava as ventas de simonte. Carolina ficára morta de surpresa, de terrores, e desesperação.

- A minha desgraça! repetia. A minha desgraça!...

- Quem me contou tudo foi a Mathilde, uma que engomna para fóra; eu estava mesmo parvinha de todo, nem o queria crêr, vê tu lá. A gente vê caras, não vê corações: é certo. E para mais é todo amigalhaço do irmão *da dita pessoa*; andam sempre de sucia, grandes chalaças, sim senhor; franquezas de tabaco; para onde quer que vão, vá de vinhaça, *comes e bebes*, com toda a grandeza! Ai! hoje *presentemente*, minha rica, nem uma creatura sabe para o que está guardada. Algum dia em acontecendo uma d'estas, parece que até *ia tudo raso*. Havia justiças, muita obediencia; então com quem brincavam elles? Hoje... Eu até fiquei sem vontade de comer: t'arrenego! e depois veio-me a dôr. - Dava um estalo com a lingua. - Mas deixa estar que t'o cantarei.

Carolina nem ouvia.

- E agora? disse ella com um gemido, atirando-se com uma grande angustia sobre os colchões, miseravel na sua decepção.

A Marcellina tentava fazel-a sentar, compondo um rosto compungido. E dizia a espaços:

- Ó filha, pelo amor de Deus! Isso não é agora morte de homem. Ha muitos modos de governo. Estavamos servidas se fossemos agora a morrer por todos os malandros que se *raspam*, em nos apanhando.

E como achando o modo de tudo solver, em quanto a outra chorava:

- Olha, pódes-te empregar na fabrica, dois tostões por dia; leva-se *lunch*. - E muito baixo: - para quem quer *reinar*, nada melhor. - Piscava o olho: - percebes, percebes? - E desenvolvia projectos, propunha expedientes.

- Encontras logo arranjo; nas fabricas então é *como passastes*. Conheço lá muitas que andam alli mai estimadas, que eu sei; ellas bem vestidas, bem *doiradas*, arranjo de seu, alli o jantarinho de carne todos os dias...

- Gente sem vergonha! commentou Carolina, com voz cantada pelo pranto.

- Ora historias, filha, historias! - E sentenciosa: - Que nisto de vergonha cada qual toma da que gosta. Em se evitando fallas do povo, deixa andar. Dois dias que a gente anda por cá... - E generalizando a doutrina que prégara: - se vamos assim, então não ha ninguem de vergonha no mundo. - Carolina abanava a cabeça. A velha com ademanes de mestra, cuspia-lhe no animo a sua piedade de estafermo.

- Ainda estás muito verde, minha rica! dizia.

Cahiram em silencio. Ás vezes soluços fundos, estrangulavam a garganta da rapariga.

- E eu que cri em tudo! lamentava ella.

- E não queres vêr? Eu iria pôr a mão nos livros sagrados. Não me salve, se julguei que succederia isto. - E com voz cantada: - vamos nós agora vêr o fio da meada. Como diabo sahirá elle d'esta?

- Como sahirá? casando com a outra. Vejam como. Lá tem o irmão que a defenda. Só eu não tive quem me aconselhasse. - E desfazia-se num choro intimo, dizendo a sua infelicidade. - Morre quem faz falta, só Deus me não chama p'ra si...

Havia tempo que homens altercavam na rua, entre sons de guitarra. De repente, uma voz avinhada disse um *fado* choroso, em que se despediam almas e se davam facadas, em verso. Rameiras de grandes caudas de gomma riam com estrépito, dizendo doçuras roucas, de uma vadiagem canalha. Carolina gemera:

- Ai vida, vida! Só aquellas nunca estão tristes!

A velha tinha-se erguido, interessada na algazarra da rua, curiosa de espreitar a pandega como um antigo commensal expulso. A voz dizia:

Pobres donzellas honradas.

Quanto de vós tenha dó!...

.....

Carolina de cabeça um pouco erguida, tinha ficado a escutar; toda a gente ria quando ella chorava!... Em que coração acharia interesse? - E via de pé a sua desdita envolta em fumos negros, olhal-a cheia de rancor inquebrantável. Queria recordar-se da sua meninice, como quem

se refugia, mas diante d'ella desfilavam recordações lugubres, surgiam grupos de mortos, filas de cyprestes, um coveiro encanecido que erguia a enxada, cantando.

Não tinha a menor idéa do que fosse ter mãe ou ter amigas. No seu contacto com a gente, entrevira apenas o tenebroso fundo de bestialidade que se refere em cada homem, com um fragor de luxuria cruel. Vivera sempre em si propria, sem a reminiscencia de um carinho que alma piedosa lhe houvesse prodigalizado. Quantos beijos deixára roubar aos moços do cemitério e quantas palavras tinha merecido aos gatos pingados, todas vinham hervadas da mesma idéa e do mesmo intento. E assim crescera naquella incultura de espirito sem guia, sentindo dentro avigorentar-se-lhe apenas uma tendencia - a da cadella fertil, que vai entregar-se. Através da sensação rudemente nascida olhara o mundo, esfaimada e torpe como se fôra um verme descommunal das sepulturas, incapaz pelos desolados scenarios que tinha contemplado nos seus dias de criança, de dar acesso na sua alma ás multiplices emoções e susceptibilidades hystericas, que fazem da mulher o precioso receptor das cousas mais subtis que a lingua não exprime e os olhos mal sabem formular.

Tinha-se dado ao primeiro que chegára, e sem receios de pudor. Fôra a Marcellina a causa de tudo. Para que lhe viera contar de padres babosos e varinas amancebadas?

E detida, conscia de um desalento mortal, sentia na penumbra os olhos de Marcellina cahidos sobre a sua cabeça com um brilho fatidico. Fôra, riam com estrépito no meio de disputas sordidas. A velha tomou-lhe a mão, aproximaram-se ambas da janella.

- Queres um conselho mesmo cá de dentro, queres?

- Que é? fez a rapariga.

A outra estendeu o braço na direcção das janellas de taboinhas, e o seu dedo engelhado apontou as cabeças de altos penteados, que destacavam com relevo negro no tom vermelho dos quartos alumiados da casa fronteira.

- Olha, disse ella. E com gesto de quem se impõe, de quem se mette por uma pessoa dentro: - Lembra-te do que te digo hoje. - A sua voz insistia, escolhendo os tons persuasivos, dôces, sinceros, e ao mesmo tempo as suas palavras discretas, ditas no fundo d'um segredo, vinham com uma intenção perfida, cheia de depravação. Carolina ficou hirta perante aquellas insinuações, olhando com os seus olhos cheios de febre a cara franzida, esperta, d'essa megera que dominára o seu destino impellindo-a na perdição e apontando-lh'a como um fim logico, consequente e feliz. Grandes desvairamentos pulavam-lhe no craneo, exagerando-lhe os sons, tornando-lhe as figuras sarcasticas e as sombras lugubres. E as fontes pulavam-lhe, como molas

premidas que reagem; e o seu espirito dilacerado de afflicções saturava-se de alguma cousa estranha, como o indifferentismo ou idiotice.

Nessa noite o João entrou a deshoras; cambaleava de bebedo, cantarolando todo cheio de terra, como quem tivesse cahido pelas ruas, á porta das tabernas. Ella viu-o chegar sem se mostrar surpresa, como quem esperava mais. Mas disse ao metter-se na cama, estas palavras sem nexo:

- A fabrica...

E com um movimento imperceptivel de labios:

- O collegio...

E ficou a pensar, immovel, com os olhos fitos na luz.

Estas duas palavras representaram d'alli em diante o seu destino, guiaram-na por um caminho espinhoso que sonhára ridente, em horas de contemplação e plenitude.

Ao João era manifesto o tedio d'aquella vida e o mau estar d'aquella união. Pouco a pouco, com transições insensíveis, as palavras d'elle adquiriam notas asperas, grandes phrenesis inesperados, uma taciturnidade crescente, moedora e constante. Ella experimentava por seu turno uma altivez ferida e rebelde de mulher espezinhada e esquecida por outra; em certos dias estrangulava de raivas surdas em que resfolegava a espaços, a ancia de humilhar, infamar, perder alguém; fazia arias estrondosas pelas casas fóra, garganteando pelintramente como no theatro; mas a noite vinha gradual; ficava logo invadida mortalmente de uma grande tristeza, de uma inexplicavel passibilidade indifferente ao estimulo, dominada de presentimentos e architectando toda tremula futuros famintos, esfarrapados e enfermos. Não passava uma tarde sem vêr a Marcellina; juntas parolavam durante horas, desenrolando planos mysteriosos e discutindo futuros. A velha revelava pormenores do officio, as subtilezas de que lançam mão certas mulheres, o segredo de provocar, chamar, sorrir, andar na rua, mostrar as riquezas do busto, conservar a face rosada, mesmo depois de uma noite de orgia. Carolina reagia com monosyllabos apenas, a esta insinuação torpe; mas abandonada pelo João, a fallar a verdade, que faria? Foi assim que ella determinou entrar na fabrica, em Alcantara. O João não oppôz resistencia; via o meio de afastar aquella rapariga importuna que o estorvava nos seus projectos, nos seus namoros. Ia todas as manhãs muito cedo, com o seu passo miudo e rapido, saracoteada e risonha, com a sua manta de borlas, uma capa de escocez verde, saia de folhos, o *lunch* num cabazinho da Ilha.

No caminho encontrava as companheiras, moças alegres e desembaraçadas, cheias de risos, largando chalaças de mordacidade equívoca. E iam todas por ali fóra. Os merceeiros dirigiam-lhes afagos perfidos, apupavam-nas os gallegos sujos, os estudantes e os soldados. Que pandega! Respondiam a tudo com grandes risadas bebedas. Uma então, a Jeronyma, trigueira, a face picada de bexigas, até dava encontrões nos policiaes, piscando os olhos: e todas se divertiam a valer. Á entrada da fabrica, os operarios davam-lhes abraços, com grande intimidade; tratavam-se todos por tu, com uma algazarra incorrigivel, até que o fiscal, de barba branca, o seu casacão amarello, um cachimbo preto de noqueira, abria as portas da officina. No corredor, os operarios dividiam--se em turmas; uns iam para a empapelamento dos cigarros; outros iam picar o tabaco; alguns cortavam rotulos para as caixas de charutos. Se o borborinho crescia em torno das longas mesas de trabalho, o fiscal erguia a voz:

- Nada de algazarra! Parece que estamos nalguma feira! - E todos fallavam baixo, contando historias pagãs de gente sem vergonha, de uma sordidez de viella. Sem grande esfarço Carolina aceitou estes habitos que se lhe affiguravam de uma naturalidade legitima, tão sincera e tão commoda. Affeiçoára-se á Jeronyma, participando das suas opiniões, dos seus ditos, da sua fama. Ao escurecer o fiscal dizia, dando uma grande palmada na mesa:

- Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo! - E todos largavam o trabalho, tomavam os seus chapéos, os seus chales, os seus capotes; na escuridão do corredor estalavam beijos, pares canalhas escorregavam nas escadas, havia gritos e a chusma em tumulto, numa desordem vadia, atulhava rapidamente o pateo, combinando cêas, encontros, relações impuras. Foi a vida melhor que Carolina viveu. Aquella grande liberdade, infiltrára-lhe uma alegria espontanea, uma grande destreza, um vigor manifesto. Ganhava dinheiro além d'isso; cahida nas graças do fiscal, obtinha sempre uma fêria bem favorecida, sua gorgeta para alfinetes. Teve a partir d'aqui, pelo menos, uma duzia de amantes, amantes de uma semana, de um dia, preferidos á noite, esquecidos no dia seguinte, e concorrendo todos para a sustentação d'um luxo que pouco a pouco se ia manifestando em Carolina. Um domingo appareceu em casa da alcoviteira, toda penteada á moda, com um chapelinho de fitas verdes, um casaco bordado de contas, meia de riscas, leque. A velha discutia com duas raparigas o preço de um vestido de fazenda, que mostrava com largos elogios.

- É um ovo por um real, minha rica, dizia. . - Um vestido como novo!

- Mas seis mil réis é muito bom dinheiro, santinha!

- Pois olhem que da peça é o triplo do custo. Agora façam lá o que quizerem. - E voltada para Carolina:

- Viv'ó luxo! Viv'ó luxo! Vais *óservando* que eu tinha razão no que dizia. - E com insistencia: - tendo tino não ha cousa melhor, meu anjo. - E baixo, tomando-a de parte: - E elle?

Carolina encolheu os hombros desdenhosa, um ar de desprezo. A velha disse-lhe ao ouvido:

- Quem paga a renda da casa?

- Meu pai. Ha dois mezes que o não vejo, por tal signal.

- Pois filha, se o João não te serve para nada que se ponha ao fresco, quanto antes. Primeiro o teu governo.

- Sim, sim, disse ella pensativa.

E dirigida pela alcoviteira, começou a viver só.

Desde esse dia, as aventuras vieram-lhe por centenas. Conheceu todas as especies de homens a quem se impingia ás horas, por baixo preço. As gengivas tinham-se-lhe descarnado, pintava os beiços com carmim e para o giro da noite cobria-se toda de pó d'arroz. Forçava-a a profissão a pequenos sacrificios, no intento de agradar aos que a buscavam. Comprimia os pés em sapatinhos altos, golpeados no peito para deixar vêr a meia de côres.

Apertava a cintura e os flancos com espartillos que a estrangulavam em duas metades, deixando-lhe o thorax afunilado e hirto, o figado oppresso e a respiração entrecortada. Á hora dos theatros, quando nas ruas da cidade baixa fervilha inquieta a multidão dos que digerem, e giram buscando par os velhos viciosos e os rapazes definhados, ella descia do seu bairro obreiro mais a Jeronyma, paramentadas ambas de arrebiques pelintras - *á pingadeira*, como lhe chamavam. Tinham horror á policia, procuravam as sombras da rua chegadas uma á outra, e olhando quem ia com o riso postiço das rameiras de profissão. A espaços, automaticamente quasi, segredavam aos homens amabilidades sordidas, desenrolando toda a giria do officio.

E ao pararem para apertar as mãos dos cocheiros e dos trolhas circumvagavam a vista de um modo inquieto a vêr se - andava algum.

As noites assim passeadas até deshoras fatigavam-nas de morte. De manhã nem se podiam mexer, uma paralyisia de musculos, as articulações endurecidas, um travor na bocca saburrosa, das más digestões desordenadas. Succedia por vezes amanhecer-lhes pelas escadas, no outro extremo da cidade, ou nas hospedarias de má nota onde vão anichar-se as ultimas excoriações da torpeza. Expulsavam-nas então com o nojo que nasce da saciedade, escada abaixo, sem lhes pagarem muitas vezes.

Se retrucavam, era sempre a mesma ameaça que as ia fazer calar - a policia e o livrete. Aquellas duas palavras punham-lhes baques nas fontes, suores de rins e um calefrio mortal pelo dorso.

Na rua, os dichotes dos vendilhões e dos gallegos cuspiam-lhes na face obscenidades de tremer. Riam-se, retrucando algumas vezes. Mas a humilhação era frisante e seguiam sempre sob o terror da chacota ou da prisão. A indolencia de Carolina era agora mais refinada que nunca, deixou de ir á fabrica, passava os dias na enxerga da pocilga, dormitando.

E d'uma vez teve fome, sabbado por signal. Contrahira já os ultimos vicios supplementares da devassidão, fumava, bebia, e nas tabernas em estando bebedea punha-se a dizer com voz rouca fados ignobeis, no meio dos cocheiros excitados e ao som dorido da guitarra.

Os velhos appeteciam-na de preferencia, pelo seu ar moço e pelos seus cabellos ruivos. Havia um coronel reformado que lhe dava dinheiro para sapatos catitas. Era um velho gordo, de oculos, todo grave na sua sobrecasaca preta. Gostava *d'ellas bem calçadinhas*, meia esticada, e começava sempre pelo pé, acariciando-o de diminutivos ternos.

Era o seu melhor amigo, aquelle senhor tolerante, e d'uma vez desapareccera. Vieram os maus dias então, a policia vigiava as casas de má nota, e prendera a Jeronyma uma noite...

Carolina lembrou-se de voltar á fabrica. Sentia-se doente, fatigada d'aquella vida de acaso que lhe não tinha dado senão fomes, maus tratos e terrores. Mas encontrou já occupado o lugar, que deixára na officina. Quando descia ao pateo, deu com o fiscal que se pôz a olhar para ella muito tempo. E d'alli a nada lhe disse, voltando a cabeça:

- Como vossê anda já...

Aquella commiserção affligiu-a cruelmente, e chorou todo o dia mirando no espelho a cara chupada e amarella, onde entre circulos rôxos luziam dois olhos febris. Dias depois, a policia que a espreitava conseguiu surprehendel-a em flagrante, e d'alli a nada era inscripta no livro de cinco mil nomes, uma das glorias já hoie, d'esta florescente cidade que passa os seus dias enchendo de moeda falsa os Brasis, e servindo oleo de bacalhau ao melhor de cem mil tuberculosos.

Datam d'aqui todos as episodios da existencia que teve o seu epilogo ha tres dias, numa das camas da enfermaria de Sant'Anna, no Desterro. Foi o *tio Farrusco* quem cobriu de terra, sem commoção nem saúde, o corpo espedaçado pelo meu escalpello, da rapariga corroida de podridões sinistras, abandonada do berço ao tumulo, e pasto unicamente de desejos infames e de desvairamentos vis. Tenho sobre a minha banca neste momento, a sua caveira fria, limpa de

pelliculas e cartilagens, branca e escarninha, cujas maxillas escancaram diante de mim numa careta tragica, a sua concavidade cheia de sombra. Este despojo inerte, rendilhado e esponjoso pelos estragos do hydrargyrio, embalde interroga a meditação que me abisma, sobre as causas provaveis da grande desmoralisação actual.

1878.

1 Aguardente.

2 É no alto de S. João que se sepultavam os cadaveres do hospital; para o nosso caso, porém, isso não importa.

3 Entrada para a Escola Medica, cozinhas, lavanderia, amphitheatro e mais dependencias hospitalares.

In D'ALMEIDA, Fialho. *Contos*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1941, pp. 9-95.